



UC/FPCE_2013

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail: telmalameira@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (área de subespecialização em Psicologia Forense) sob a orientação da Professora Doutora Isabel Alberto

Análise da influência da experiência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

O presente estudo teve como principais objetivos analisar a influência da experiência prévia de violência (in)direta sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos, numa amostra de 311 estudantes do ensino superior. Para tal foi administrado um protocolo de investigação que integrava o Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR), o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QVC-HIS) e a Escala de Táticas de Conflito Revista (CTS-2). Os resultados mostram que não existe influência da experiência prévia de violência direta ou indirecta sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos, mas parece existir algum favorecimento da mesma na vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade na idade adulta. A variável sexo, de um modo geral, influencia as respostas às questões referentes à História 1 do QVC-HIS, no entanto, é apenas moderadora do efeito de castigos físicos em casa durante a infância e adolescência, nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos. O sexo masculino é o mais legitimador da violência conjugal comparativamente ao sexo feminino, especialmente quando os castigos físicos foram perpetrados por ambos os progenitores.

Palavras-chave: violência entre parceiros íntimos, representações sociais, violência na infância, vitimização, perpetração, estudantes universitários.

Analyze of influence between the previous experience of violence and the social representations around of violence among intimate partners.

The present study aims to analyze the influence of (in)direct previous experience of violence on social representations around violence between intimate partners, using a sample of 311 university students. For this a research protocol was administered that included the Conjugal Violence Questionnaire – Causes, factors of maintenance and resolution (QVC-CMR), the Conjugal Violence Questionnaire – Stories (QVC-HIS) and the Revised Conflict Tactics Scales (CTS2). The results show that no influence of the previous experience of violence exists on the social representations around violence of intimate partners but it seems exist some foresting of the previous experience of violence in victimization and perpetration on relationships of intimate partners. The gender variable, generally, influences the answers to the questions related with the first story of QVC-HIS and it is just moderator of the physic punish effect during childhood and adolescence on social representations of the violence among intimate partners. Males are more legitimating of conjugal violence relatively the female gender, especially when the physic punish were perpetrated by both parents.

Key Words: intimate partner violence, violence in childhood, victimization, perpetration, social representations, college students

Agradecimentos

Os meus mais sinceros agradecimentos:

À Professora Doutora Isabel Alberto, pela disponibilidade, ensinamentos e a imensa paciência perante as minhas dúvidas e aflições.

À minha mãe, pelo amor incondicional, carinho, pelas lágrimas que choramos juntas, pelos sorrisos que partilhámos, pelos passeios às sextas feiras e por ser a melhor ouvinte dos meus problemas.

Ao meu pai, pela disponibilidade e presença nos melhores e piores momentos de todo o meu processo académico e pela preocupação da resolução de qualquer problema que me pudesse surgir.

Ao meu mais pequeno (em idade) amor da minha vida, a minha irmã, pelo carinho, pelo “gosto muito de ti” que me diz a todo o momento, pelos abraços fortes em todas as minhas chegadas a casa e à preocupação em ver-me sorrir.

Ao meu irmão, pelas conversas, pelos imensos quilómetros que percorria todas as semanas para que eu pudesse chegar a casa mais cedo e pelos sorrisos que me arrancou graças ao seu apurado sentido de humor.

Ao meu avô, pelo orgulho, pelo exemplo de força e alegria de viver e pela preocupação durante todo o meu processo académico.

À Sara, à Ana Isabel, à Ana Catarina e à Diana, pelo apoio, pelos fins-de-semana revitalizantes, pelas rizadas intermináveis e pelas imensas vezes que me ofereceram ajuda em todo este processo.

À Mafalda, pela sua importante presença ao longo dos cinco anos da minha/nossa vida académica e, essencialmente, por nunca ter desistido da nossa amizade.

A todas as amigas e amigos que fiz em Coimbra, pelos melhores momentos da minha vida ao vosso lado, pelos jantares relaxantes, pelas noites intermináveis, enfim, por serem o meu pilar que me fez ter força ao longo destes cinco anos nesta maravilhosa cidade.

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento conceptual	1
1.1. Violência entre parceiros íntimos	1
1.2. Representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos	4
1.3. Influência da experiência prévia de violência	6
II – Objetivos	9
III – Metodologia	9
3.1. Amostra	9
3.2. Instrumentos	10
3.2.1. Questionário sociodemográfico	10
3.2.2. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QVC-HIS)	10
3.2.3. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)	11
3.2.4. Escala de Táticas de Conflito Revista (CTS-2)	12
3.3. Procedimentos estatísticos	13
IV – Resultados	14
4.1. Estatísticas descritivas sobre a vivência prévia de violência (in)direta na infância e adolescência e as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos	14
4.2. Resultados relativos à Hipótese 1: A experiência de violência na infância influencia as representações sociais atuais no sentido de uma maior legitimação da violência entre parceiros íntimos	15
4.3. Resultados relativos à Hipótese 2: A perpetração da violência em relações de intimidade na idade adulta é maior nos participantes que referem experiência de violência na infância	16
4.4. Resultados relativos à Hipótese 3: A vitimização da violência em relações de intimidade na idade adulta é maior nos participantes que referem experiência de violência na infância	17
4.5. Resultados relativos à Hipótese 4: A variável Sexo é moderadora do efeito da experiência de violência na infância nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos	18
4.6. Análises exploratórias	20
V – Discussão	21
VI – Conclusões	25
Bibliografia	26
Anexos	31

Introdução

Como é do conhecimento geral, nem sempre as relações maritais, coabitacionais ou de namoro são pautadas pela demonstração de amor, carinho e respeito. São, por vezes, pautadas pela presença de algum índice de disfunção e abuso (Paiva & Figueiredo, 2003). Este não é um problema recente, no entanto, a violência só constituiu um problema social a partir da década de 60, centrando-se inicialmente na violência marital e, recentemente, evidenciando-se uma difusão da investigação a outros grupos (Caridade & Machado, 2006).

As representações sociais constituem um importante aspeto a analisar no estudo dos comportamentos violentos, pois estes não ocorrem de modo isolado, mas dentro de um contexto social, histórico e económico (Hernandez & Gras, 2005; Porto, 2006; Worcester, 2002). Assim, não deve ser negligenciado o ambiente em que vivem os indivíduos envolvidos em comportamentos violentos (Porto, 2006).

Na literatura é referida a associação entre a qualidade das experiências relacionais dos indivíduos com as figuras significativas na infância/adolescência e a ocorrência de violência nas relações de intimidade e nas dificuldades de relacionamento interpessoal (McCarthy & Taylor, 1999; Wekerle & Wolfe, 1998, ambos citados em Paiva & Figueiredo, 2003), verificando-se uma forte tendência para a repetição de padrões de relacionamento afetivos vividos na infância (Gomes, 2005). Assim, através das experiências ao longo da vida, vão sendo criadas representações e expectativas acerca de nós e dos outros, que conduzem a determinados comportamentos. Neste sentido, a análise da influência da experiência prévia de violência nas representações sociais dos indivíduos, permite uma melhor compreensão acerca dos comportamentos violentos. Para a exploração destas relações, administrou-se um protocolo que incluiu um questionário sociodemográfico, o Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QVC – HIS), o Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC – CMR) e o Escalas de Táticas de Conflito Revisadas (CTS2). A amostra deste estudo é constituída por 311 estudantes do ensino superior.

Esta tese divide-se, essencialmente, em duas partes. Na primeira irá constar uma revisão da literatura acerca da problemática em análise e, na segunda parte, irá proceder-se à descrição do estudo empírico, sendo explanada a metodologia, os procedimentos, os resultados da investigação e a discussão dos mesmos.

I – Enquadramento conceptual

1.1 Violência entre parceiros íntimos

O conceito de “violência entre parceiros íntimos” abrange a violência conjugal e a violência no namoro (Aguilar, 2010; Costa, 2005). Alexander (1993, como citado em Aguilar, 2010) foca a sua definição de violência conjugal na mulher como vítima e o homem como perpetrador, definindo-a

como qualquer ato por parte do marido/companheiro que provoque dano físico e/ou emocional sobre a sua esposa ou companheira, negligenciando a violência em casais homossexuais e a violência exercida pelas mulheres sobre os seus companheiros nas relações heterossexuais. Matos (2003) dá uma definição mais alargada mencionando que, independentemente do sexo, o objetivo do agressor na violência conjugal diz respeito à subordinação do outro, fazendo-o sentir-se incompetente, sem valor e com medo.

Segundo Lavoie, Robitaille e Hebert (2000), a violência no namoro integra “qualquer comportamento que é prejudicial para o desenvolvimento do parceiro ou da sua saúde, comprometendo a sua integridade física, psicológica ou sexual” (p.8). Wekerle e Wolfe (1999, como citado em Almeida, 2012) referem que este tipo de violência passa por “controlar ou dominar o outro recorrendo à força física, psicológica ou sexual causando dano para o outro” (p.436).

Kelly e Johnson (2008) defendem a existência de quatro tipos de violência entre parceiros íntimos: violência de controlo coercivo (*Coercive Controlling Violence*); resistência violenta (*Violent Resistance*); violência situacional do casal (*Situational Couple Violence*); e, por fim, a violência ativada pela separação (*Separation-Instigated Violence*). A violência de controlo coercivo refere-se à intimidação emocionalmente abusiva, postura de coerção e controlo associada ao uso de violência física. A resistência violenta (*Violent Resistance*) traduz a resistência à violência exercida pelo parceiro e foi descrita como resistência feminina, violência reativa e autodefesa (Pence & Dasgupta, 2006 como citado em Kelly & Johnson, 2008). A violência situacional do casal (*Situational Couple Violence*) enquadra o tipo de violência que não tem como base a dinâmica de poder e controlo (Johnson & Leone, 2005, como citado em Kelly & Johnson, 2008), emergindo como resposta aos conflitos do casal. E por fim, a violência que ocorre em contexto de separação do casal. Johnson (2006, como citado em Kelly & Johnson, 2008) defende um quinto tipo de violência, o controlo violento mútuo; no entanto, ainda pouco se sabe sobre a prevalência, causas e consequências deste tipo de violência.

Paiva e Figueiredo (2003) referem a existência de três formas de violência: abuso físico, abuso sexual e abuso psicológico. O abuso físico diz respeito ao uso de ameaça, força física ou restrição infligida no sentido de causar dor ou injúria ao outro (Sugarman & Hotaling, 1989). Sugarman e Hotaling (1989) verificaram, numa amostra de estudantes, que, no contexto de relacionamentos íntimos, cerca de 33% dos indivíduos do sexo masculino tiveram comportamentos de abuso físico e 36% do sexo feminino já tinham sido vítimas deste abuso.

O abuso sexual, segundo Koss (1998, como citado em Paiva & Figueiredo, 2003), enquadra uma “interação sexual conseguida contra a vontade do outro, através do uso da ameaça, força física, persuasão, uso de álcool e/ou drogas, ou recurso a uma posição de autoridade” (p. 10). Uma investigação realizada por Straus *et al.* (2002, como citado em Paiva & Figueiredo, 2003) relativa ao abuso sexual, referenciou valores de 24.7% de coerção sexual perpetrada por estudantes universitários de 14 países, em que 39.9% destes são do sexo masculino e 18.6% do sexo feminino.

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

O abuso psicológico é caracterizado por Straus e Sweet (1992) como um padrão de comunicação, verbal ou não verbal, que tem como intuito causar sofrimento psicológico a outra pessoa, ou que é percebido como tendo essa intenção. Paiva e Figueiredo (2003) verificaram que 53% de estudantes universitários portugueses, de ambos os sexos, que participaram no estudo por elas desenvolvido, relataram terem perpetrado abuso psicológico.

A literatura nesta área denota que nem todos os autores estão de acordo em relação ao sexo do perpetrador de violência, uma vez que alguns defendem que o agressor é majoritariamente do sexo masculino (Coker *et al.*, 2000; Renninson & Welchans, 2000, ambos citados em Caridade & Machado, 2006), enquanto outros não obtêm diferenças significativas entre homens e mulheres (Lewis & Fremouw, 2001; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Magdol, Moffitt, Caspi, Fagan, & Silva, 1997; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004). Machado (2005) encontrou valores mais elevados de perpetração de violência física por parte dos participantes do sexo masculino; no entanto, não encontrou diferenças significativas entre homens e mulheres no que concerne à agressão emocional. Straus (2006), num estudo realizado com uma amostra de 13601 estudantes universitários de 32 países, verificou que o padrão mais frequente de agressão é o da violência mútua, seguido pela violência exercida pelas mulheres. O mesmo se verificou no estudo de Aldrighi (2004), com estudantes universitários de São Paulo (Brasil), onde se obtiveram valores de 72.4% de agressão mútua, 14.5% perpetrada apenas pela mulher e 13.2% perpetrada apenas pelo homem.

Neste âmbito, Jaffe *et al.* (2003 como citado em Dutton, 2006) reconhecem que os homens são também vítimas de abuso, todavia, menciona que a violência exercida sobre as mulheres é mais séria. Johnson e Bunge (2001 como citado em Dutton, 2006) referem mesmo que as mulheres têm quatro vezes mais probabilidades de serem vítimas de violência mais séria e violência letal, como ameaças, agressão com pistola ou faca, asfixia ou abuso sexual.

Considerando a violência no namoro, são vários os estudos internacionais em que se verifica que os adolescentes e jovens experimentam múltiplas formas de abuso nas relações amorosas. O estudo de James Makepeace (1981, como citado por Duarte & Lima, 2006) foi pioneiro no que toca à análise deste fenómeno, sendo o primeiro a referir que 21% dos estudantes pré-universitários experienciam e/ou perpetram violência física no contexto das suas relações amorosas. Magdol, *et al.* (1997) registaram entre 21.8% a 55% de jovens com vivência de violência nas suas relações de namoro. Num estudo realizado por Berry (2000), verificou-se que entre 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro viveram situações de violência nas suas diversas formas. Straus (2004) encontrou, numa larga amostra de estudantes universitários de 16 países, que, cerca de 29% sofria de violência física, com as taxas de agressão entre os estudantes a variarem entre os 17% e os 45%.

Em Portugal existem alguns estudos sobre a problemática da violência no namoro. Machado, Matos e Moreira (2003), num estudo realizado com

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

uma amostra de estudantes universitários, verificaram que 15.5% dos sujeitos foram vítimas de, pelo menos, um ato abusivo e 21.7% dizem ter sido perpetradores de violência para com os seus parceiros. Lucas (2002), numa amostra de estudantes do ensino secundário, aferiu que 20% dos rapazes e 10% das raparigas cometeu violência física com o seu companheiro/a, enquanto 27% dos rapazes e 43% das raparigas perpetraram violência verbal. No estudo de Duarte e Lima (2006), com uma amostra de estudantes do ensino secundário e superior, verificou-se que a prevalência de violência física se situou nos 10.7% e da violência psicológica nos 38.2%. Estes autores apuraram que as taxas de violência, tanto física como psicológica, vão aumentando com a idade.

1.2. Representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Vários autores (Hernandez & Gras, 2005; Porto, 2006; Worcester, 2002) consideram que a análise das condutas violentas deve ser enquadrada num contexto social, histórico e económico, onde homens e mulheres representam papéis e oportunidades distintas, ocupando diferentes papéis e estatutos sociais. A análise das representações sociais permite a identificação de significados que os intervenientes em comportamentos de violência atribuem às suas condutas, não negligenciando o contexto em que estes vivem e onde os comportamentos ocorrem (Porto, 2006).

Posto isto, para a compreensão da violência entre parceiros íntimos, é de grande importância que se analisem as representações e crenças que a sociedade constrói em torno de tais comportamentos.

Segundo Cortez, Souza, e Queiróz (2010), as concepções mais tradicionais de género são ainda predominantes. Apesar das diversas conquistas já alcançadas pelas mulheres, a situação atual das relações de género é ainda de transição, de busca de equilíbrio entre valores tradicionais e necessidades atuais de ajustamento. Ainda é predominante a ideia de que o “homem de verdade” deve ser forte, agressivo, heterossexual, exercer poder sobre as mulheres e controlar as atividades públicas (Cortez, Souza, & Queiróz, 2010; Hernandez & Gras, 2005). Casimiro (2002), numa investigação que envolveu mulheres de diferentes estratos socioeconómicos, casadas ou numa relação conjugal e residentes em meio urbano, observou que as mulheres de meio socioeconómico mais baixo imputam aos homens atributos como “o mais forte”, o “mais determinado”, conquistador” e “impaciente” dos dois sexos, encarando a violência do homem como natural, uma vez que o consideram incapaz de contrariar aquilo que é natural. Lourenço, Lisboa, e Pais (1997) verificaram que as mulheres mais velhas, de estratos sociais mais baixos e de meios rurais têm mais dificuldade em percecionarem determinados atos como sendo violência, relativamente às mulheres mais novas, de estratos sociais mais elevados e de meios urbanos.

A violência conjugal tem sido associada à representação da mulher como subordinada, inferior, dependente e propriedade masculina (Machado, 2005). A investigação de Felm (1994, como citado em Wolfe, Wekerle, & Scott, 1996) demonstrou que os rapazes se auto percecionam como mais poderosos do que as suas companheiras, evidenciando uma postura de poder,

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

competitividade e controlo. Estas perceções podem dever-se e/ou ser agravados pela exposição à violência interpaparental quando esta é perpetrada pelo homem contra a mulher, uma vez que, nos rapazes, pode desenvolver-se a crença de que a violência é uma estratégia eficaz de resolução de problemas e que a sua manifestação assegura uma posição de poder e privilégio dentro da família, enquanto as meninas aprendem a adotar condutas de submissão e obediência (Hernandez & Gras, 2005).

Lucas (2002) verificou que muitos jovens consideram aceitáveis e justificáveis comportamentos violentos entre namorados. A concordância com crenças legitimadoras de violência parece ser mais elevada nos homens (Aguilar, 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Machado, 2005; Paiva, 2010; Silva & Matos, 2001). Segundo Machado, Matos e Moreira (2003), os rapazes consideram mais importante preservar a privacidade familiar, defendem mais a crença de que a violência é justificável em função dos comportamentos das mulheres e consideram que a violência pode ser atribuída a causas externas (*e.g.*, drogas ou álcool) e/ou fora do controlo do perpetrador (*e.g.*, pobreza).

No estudo de Paiva (2010), com uma amostra de estudantes do Mestrado Integrado de Psicologia da Universidade de Coimbra, verificou-se que os estudantes do primeiro ano, comparativamente aos do quinto ano, demonstraram atitudes mais tolerantes face à violência conjugal, sendo o sexo feminino o menos legitimador da violência no casal. Estes resultados chamam à atenção para a influência da formação recebida no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia (Paiva, 2010).

Num estudo de Machado (2005), foram encontradas mais crenças legitimadoras da violência por parte dos sujeitos mais velhos – que se poderá explicar por terem sido mais expostos a mensagens legitimadoras da mesma –, por parte dos parceiros abusivos comparativamente aos parceiros não violentos e por parte dos sujeitos do sexo masculino. Por seu turno, Casimiro (2002) verificou que, à medida que a escolaridade é mais baixa e a profissão menos qualificada, aumenta a tolerância em relação à violência, verificando-se o inverso quando os recursos escolares, económicos e culturais são mais elevados. O mesmo se verificou no estudo de Machado (2005), com a diminuição da legitimação da violência conjugal à medida que aumentam os anos de educação formal recebida.

Correia (2008), numa amostra de estudantes e profissionais da área do Direito, registou como causas da violência conjugal mais referidas as características individuais do agressor, as causas externas e de natureza social; as características da vítima foram as menos apontadas como causas. Resultados análogos foram encontrados por Figueiredo (2010) numa amostra de perpetradores de violência conjugal, onde as causas de violência mais apontadas se centravam no agressor ou em aspetos que o afetam diretamente. Na pesquisa de Casimiro (2002), as entrevistadas pertencentes à população geral e à franja social mais desfavorecida mencionam o ciúme, o consumo de álcool e drogas por parte dos homens como as principais causas da violência, enquanto que as mulheres pertencentes à franja social privilegiada centram o seu discurso nos constrangimentos e tensões da vida moderna.

Camelo (2009), numa amostra de profissionais da CPCJ, registou como

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

principais fatores de risco de violência referenciados, as causas de natureza social, mais concretamente a aceitação social da violência. Também Correia (2008) encontrou esta relevância da aceitação social da violência, a par com o consumo de álcool e/ou drogas e os antecedentes de violência familiar. Curiosamente, Mano (2010), num estudo realizado com mulheres vítimas de violência, obteve como causas mais apontadas para a ocorrência de violência o comportamento e vivências do agressor e a fragilidade emocional da vítima. Em síntese, as vítimas, comparativamente com os agressores, os profissionais da CPCJ e os estudantes e profissionais de Direito, apontam com maior frequência os fatores de risco associados a si próprias, refletindo um possível sentimento de culpa, provavelmente associado às crenças relacionadas com os papéis de género predominantes na sociedade.

Apesar da associação generalizada do homem à figura do agressor (Caridade & Machado, 2006), é fundamental a análise de comportamentos de violência por parte das mulheres (Aldrighi, 2004; Lewis & Fremouw, 2002; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Magdol, *et al.*, 1997; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004). No estudo de Casimiro (2002), já mencionado anteriormente, a violência feminina é uma dimensão não referenciada pelas mulheres de níveis socioeconómicos mais baixos e, quando questionadas sobre tal, associam maioritariamente a violência feminina a um comportamento de defesa perante a violência exercida pelo companheiro, legitimando a violência exercida pelas mulheres.

Straus, Kaufman-Kantor, e Moore (1997) defendem que existe uma maior legitimação da violência exercida pelas mulheres, pois verifica-se uma tendência para assumir que uma bofetada dada por uma mulher ao marido é algo considerado fisicamente inofensivo. No entanto, a maioria das investigações internacionais e nacionais desenvolvidos neste âmbito indicam que a violência entre parceiros íntimos se caracteriza essencialmente por trocas mútuas de agressões (Aldrighi, 2004; Lewis & Fremouw, 2002; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Magdol *et al.*, 1997; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004), sendo que as mulheres podem ser fisicamente tão ou mais violentas do que os homens (Jackson, 1999).

1.3. Influência da experiência prévia de violência

De acordo com Paiva e Figueiredo (2003), através das experiências e dos padrões típicos de interação com as figuras significativas (*e.g.*, pais e/ou outros cuidadores), cada indivíduo constrói modelos internos dinâmicos que se traduzem em guiões do seu próprio comportamento interpessoal. É a partir destes modelos que se estabelecem expectativas acerca do que podemos esperar de nós próprios e dos outros numa relação. Portanto, indivíduos com diferentes padrões de vinculação têm crenças diferentes acerca de si e dos outros com implicações na qualidade das suas relações íntimas (Paiva & Figueiredo, 2003). As experiências precoces interferem na qualidade do relacionamento íntimo na idade adulta, uma vez que contribuem para o padrão de vinculação do indivíduo. Wagner e Falcke (2001, como citado em Gomes, 2005) confirmam, através de uma revisão da literatura acerca da influência da família de origem nas escolhas conjugais, que existe uma forte tendência para a repetição de padrões de

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

relacionamentos afetivos vividos na infância, colocando em evidência a reprodução dos padrões relacionais destrutivos aprendidos.

A violência sofrida durante a infância comporta diversas consequências e pode atingir os vários domínios do desenvolvimento (Alberto, 2004). Causam dificuldades no relacionamento íntimo na idade adulta, pois levam a que o indivíduo construa padrões inseguros de vinculação, demonstrando mais dificuldades no relacionamento íntimo na idade adulta e são mais frequentemente vítimas ou perpetradores de violência nas relações interpessoais com pessoas significativas (Paiva & Figueiredo, 2003).

Furman e Flanagan (1997), num estudo realizado com uma amostra de indivíduos casados de ambos os sexos, verificaram que as mulheres com um modelo parental inseguro referem que os seus companheiros são mais agressivos verbal e fisicamente do que as mulheres com um modelo parental seguro.

Silver e colaboradores, em 1995 (como citado em Cardoso, 2012), num estudo elaborado com uma amostra de estudantes universitários, verificou que 37% relataram que estiveram expostos aos conflitos entre os pais. Baldry (2003) encontrou uma percentagem de 17,4% de alunos que afirmaram terem sido expostos a violência interparental. Jaffe, Wolfe e Wilson (1990, como citado em Sani, 2006) estimam que entre 60% a 80% das crianças que vivem em famílias em que ocorre abuso contra a mulher, testemunham-no, ouvindo-o ou observando-o. Segundo Sani (2011), não existe informação oficial em Portugal acerca da prevalência e incidência da violência interparental, no entanto, esta autora acredita que são muitas as crianças que vivem expostas à violência interparental, convivendo em silêncio com a violência familiar.

Segundo Riggs e O'Leary (1996), quando uma criança está exposta à violência interparental ou é vítima direta de violência, interioriza-a como aceitável e normativa, conduzindo, deste modo, à transmissão intergeracional da violência. Widom e Maxfield (2001) defendem a hipótese do *ciclo de violência*, sugerindo que crianças com um histórico de abuso físico estão predispostas a manter a violência física anos mais tarde. O abuso sexual e o abuso psicológico na infância são também preditores de agressão física (Paiva & Figueiredo, 2003).

De entre os múltiplos fatores de risco de violência entre parceiros íntimos, a exposição à violência na infância é o que tem gerado mais polémica (Caridade & Machado, 2006). Isto deve-se ao facto de muitos autores defenderem a existência de uma relação entre observar a violência interparental e violência na intimidade juvenil (O'Keefe, 1998), enquanto outros (Comings, 1984 como citado em O'Keefe, 1998) consideram não existir qualquer conexão entre estas duas variáveis. Contudo, existem evidências de tal associação. O'Keefe e colaboradores (1986, como citado em Glass, Fredland, Yonas, Sharp, & Kub, 2003) concluíram que metade dos adolescentes vítimas de abuso na intimidade presenciaram violência interparental. Kwong, Bartholomew, Henderson, e Trinke (2003) verificaram que todas as formas de violência na família de origem foram predictoras de todas as formas de abuso no relacionamento íntimo. Por seu

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

lado, Fergusson, Boden, e Horwood (2008) encontraram uma associação significativa entre a exposição à violência interparental na infância e o aumento do risco de perpetração de violência psicológica e vitimização entre os parceiros na idade adulta. Kalmuss (1984, como citado em Kwong *et al.*, 2003) explicou que esta transmissão intergeracional se deve à associação entre a exposição à violência entre os membros da família e a mensagem que esta passa de que a agressão é algo permitido e tolerado. O mesmo é referido por Ribeiro (2010), que defende que as crianças que crescem num ambiente abusivo, observando a violência entre as pessoas significativas, assimilam que a agressão é um meio legítimo para lidar com os conflitos interpessoais e que uma forma de alcançarem os seus objetivos é subjugando e vitimizando o outro.

Segundo Follingstad e colaboradores (1992, como citado em O'Keefe, 1998), a exposição à violência interparental é um fator de risco para a vitimização nas relações de intimidade na juventude, especialmente para o sexo feminino, acontecendo o efeito oposto nos rapazes (Straus, Kaufman, & Kantor, 1994), portanto, o impacto desta exposição pode ser moderado pela variável género.

Jankowsky, Leitenberg, Henning, e Coffey (1999) concluíram que, quando o agressor é do mesmo sexo da criança, então há maior risco desta vir a ser perpetradora de violência. Contudo, quando a vítima é do mesmo sexo da criança, o risco de vir a ser vítima na idade adulta não aumenta. Hernandez e Gras (2005) referem que os rapazes são mais susceptíveis a aprender que a violência é uma estratégia eficaz de resolução dos conflitos e que o seu uso assegura uma posição de poder dentro da família, ao passo que as meninas aprendem a adotar condutas de submissão e obediência. É ainda salientado por Baldry (2003) que, relativamente às meninas, os rapazes têm mais tendência para adotar condutas violentas.

De acordo com o *Vermont Teacher Handbook on Domestic Violence* (Kuhner, Height, & Nicolle, 2004), crianças e adolescentes que estão expostos à violência doméstica estão em risco de ter problemas emocionais e comportamentais, assim como de sofrer abuso emocional ou físico. Kuhner, Height, e Nicolle (2004) distinguem o impacto nas crianças e adolescentes em diferentes etapas do seu desenvolvimento. De um modo geral, o impacto nas crianças em idade pré-escolar traduz-se na aprendizagem de formas desadequadas de expressão da raiva e de que a violência é um recurso. O impacto nas crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos, genericamente, remete para a aprendizagem dos papéis de género associados à violência entre parceiros íntimos (Paiva & Figueiredo, 2003). Nos adolescentes, o impacto relaciona-se com a possibilidade destes poderem vir a ter dificuldades no estabelecimento de relacionamentos saudáveis e na mediação de mensagens sobre o comportamento violento, passando, ainda, pela aprendizagem de estereótipos em relação aos papéis de género.

Considerando a revisão da literatura, conclui-se que, de um modo geral, a exposição à violência interparental e/ou a vitimização direta de violência na infância comportam consequências devastadoras, constituindo importantes fatores de risco para a ocorrência de situações de vitimização e perpetração de atos violentos nas futuras relações de intimidade, o que

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

justifica o desenvolvimento de pesquisa para uma melhor compreensão de tal fenómeno.

II - Objectivos

A influência das representações sociais é fundamental na análise da problemática da violência entre parceiros íntimos, uma vez que os comportamentos, nomeadamente os comportamentos violentos, ocorrem de acordo com o contexto social, histórico e económico, tendo por referência um quadro de representações sociais (Hernandez & Gras, 2005; Porto, 2006; Worcester, 2002). As experiências vividas pelo indivíduo ao longo da sua história de vida influenciam a sua forma de pensar e constituem uma base poderosa na construção das suas próprias representações sociais. A vivência prévia de violência na infância e/ou adolescência pode influenciar as representações de cada indivíduo em torno das situações de violência entre parceiros íntimos.

Assim, este estudo tem como objectivo central identificar a influência da experiência de violência direta e indireta na infância nas representações sociais atuais em torno da violência nas relações íntimas.

Analisando a literatura, surgiram como hipóteses de investigação:

H1 - A experiência de violência na infância influencia as representações sociais atuais no sentido de uma maior legitimação da violência entre parceiros íntimos (Gomes, 2005; Kunher Height, & Nicolle, 2004; Paiva e Figueiredo, 2003; Rigg's & O'Leary, 1996);

H2- A perpetração da violência em relações de intimidade na idade adulta é maior nos participantes que referem experiências de violência na infância (Fergusson, Boden, & Horwood, 2008; Paiva & Figueiredo, 2003; Ribeiro, 2010; Swinford, DeMaris, Lernkovich, & Giordano, 2000)

H3 - A vitimização da violência em relações de intimidade na idade adulta é maior nos participantes que referem experiências de violência na infância (Fergusson, Boden, & Horwood, 2008; Follingstad *et al*, 1992, como citado em O'Keefe, 1998; Furman & Flanagan, 1997; O'Keefe *et al*, 1986, como citado em Glass, Fredland, Yonas, Sharp, & Kub, 2003; Paiva & Figueiredo, 2003);

H4 - A variável Sexo é moderadora do efeito da experiência de violência na infância nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos (Baldry, 2003; Felm, 1994, como citado em Wolfe, Wekerle, & Scott, 1996; Hernandez & Gras, 2005; Straus, Kaufman, & Kantor, 1994).

III - Metodologia

3.1. Amostra

A amostra, recolhida segundo um processo de amostragem por conveniência é composta por 311 estudantes do ensino superior e foi recolhida entre Fevereiro e Abril de 2013.

Dos 311 participantes, 239 (76.8%) são do sexo feminino e 72 (23.2%) do sexo masculino (Anexo A, Tabela 1). A idade dos estudantes

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da
violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

varia entre os 18 e os 47 anos, situando-se a média nos 21.66 anos (DP = 3.15) (Anexo A, Tabela 2). A amostra é maioritariamente constituída por indivíduos de nacionalidade portuguesa, representando 97.7% da amostra, integrando, também, sujeitos de outras quatro nacionalidades, nomeadamente, brasileira, francesa, suíça e holandesa (Anexo A, Tabela 3).

A maior parte estuda Psicologia (n=124; 40%), seguida pelos estudantes de engenharias (n=99; 31.9%); 16.1% frequenta outros cursos da área das Ciências Sociais/Humanas, enquanto 11.9% (n=50) frequenta cursos que não se integram em nenhuma das categorias anteriormente referidas (Anexo A, Tabela 4). Relativamente ao ano escolar, o 4º ano é o mais representado (n=98; 31.6%), seguido do 2º com 26.1% (n=81) dos participantes; 19% (n=59) da amostra encontra-se a frequentar o 3º ano, 14.5% (n=45) o 1º ano e 8.7% (n=27) o 5º ano.

Quanto ao estado civil, 303 estudantes são solteiros (97.4%), 3 são casados, 4 vivem em união de facto e 1 está divorciado.

3.2. Instrumentos

O protocolo utilizado é constituído por um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra a nível sociodemográfico e a nível da ocorrência de experiência de violência na infância e adolescência, dois questionários de auto-resposta que pretendem avaliar as representações sociais dos estudantes universitários e uma escala de avaliação da prevalência e cronicidade de violência em relações de intimidade. Este estudo enquadra-se numa pesquisa mais alargada que inclui ainda um questionário de consumos de álcool – AUDIT (WHO) e um questionário de consumos de drogas – DUDIT (WHO)

3.2.1. Questionário sociodemográfico¹

Este questionário permite caracterizar a amostra em função do sexo, idade, curso, ano escolar e universidade que frequenta, nacionalidade, estado civil, situação laboral, estado civil dos pais e nível de escolaridade dos pais.

São também colocadas questões relativas à infância dos participantes no que respeita à violência indirecta e directa, por parte dos pais/cuidadores, em contexto escolar e por outros educadores.

Os participantes respondem ainda a questões relacionadas com eventuais consumos de álcool e drogas e com a legitimação da violência nas relações de intimidade.

3.2.2. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QVC – HIS)²

O QVC-HIS (Alberto, Alarcão, Camelo, & Correia, 2007) é constituído por três histórias de violência no casal, que são seguidas, cada uma, por dez afirmações, num total de 30, em que o respondente indica o seu grau de concordância com cada uma delas através de uma escala *Likert* de 4 pontos (1=Discordo Completamente até 4=Concordo Completamente).

O objetivo das histórias é identificar as representações sociais dos

¹ Anexo B.

² Anexo C.

respondentes relativamente à legitimação ou banalização do fenómeno em estudo, estando a resposta “1= Discordo Completamente” associada a uma menor legitimação da violência.

As histórias foram construídas com base em pressupostos teóricos presentes na literatura sobre as concepções relativas à dinâmica da violência no casal, às suas causas e consequências, assim como na experiência clínica das autoras.

Para analisar a precisão do instrumento foi calculado o coeficiente *alpha* de Cronbach. Os valores obtidos no estudo de Correia (2008) ($\alpha = .952$), de Camelo (2009) com um $\alpha = .939$, de Mano (2010) com $\alpha = .936$, de Aguilar (2010) com $\alpha = .947$ e Figueiredo (2010) com $\alpha = .868$, mostram que este questionário tem uma elevada consistência interna. Os valores de consistência interna obtidos em cada uma das histórias são igualmente bons, variando entre $\alpha = .72$ e $\alpha = .91$ (Camelo, 2009; Correia, 2008; Mano, 2010; Figueiredo, 2010; Paiva (2010).

No presente estudo, foram calculados os valores de *alpha* de Cronbach para cada uma das histórias do instrumento. O valor obtido na História 1 ($\alpha = .816$) evidencia uma boa consistência interna (Anexo A, Tabela 5). A média das respostas no total dos itens desta história é de 13.36 (DP= 3.681) (Anexo A, Tabela 6). O *alpha* de Cronbach da História 2 é de .90, evidenciando uma elevada consistência interna (Anexo A, Tabela 7). O valor médio das respostas na história 2 é 15.51 (DP= 4.736) (Anexo A, Tabela 8). O valor do *alpha* de Cronbach da História 3 é igualmente elevado ($\alpha = .886$) (Anexo A, Tabela 9), sendo a média das respostas nesta história de 14.06 (DP= 4.073) (Anexo A, Tabela 10). O valor do *alpha* de Cronbach para o total das três Histórias é de .934.

3.2.3. Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC – CMR)³

O QVC – CMR (Alarcão, Alberto, Correia, & Camelo, 2007) é constituído por três conjuntos de afirmações que correspondem a fatores que contribuem para o aparecimento da violência, para a sua manutenção e para a sua resolução. Em cada conjunto de afirmações, os respondentes identificam o seu grau de concordância com as mesmas através de uma escala *Likert* de 4 pontos, desde 1= Discordo totalmente a 4= Concordo totalmente. As afirmações podem ser agrupadas em três tipos: afirmações relacionadas com o agressor; com a vítima, e com o contexto, nomeadamente, família e sociedade em geral.

Quanto à consistência interna deste instrumento, na dimensão *causas* obtiveram-se valores de *alpha* de Cronbach que se situam $\alpha = .80$ e $\alpha = .96$; na dimensão *manutenção* e $\alpha = .818$ na dimensão *resolução*, na dimensão *manutenção* os valores situaram-se entre $\alpha = .80$ e $\alpha = .93$, enquanto na dimensão *resolução* a consistência interna foi mais baixa variando entre $\alpha = .84$ e $\alpha = .89$ (Camelo, 2009; Correia, 2008; Figueiredo, 2010; Mano, 2010; Paiva, 2010).

No presente estudo, os valores de *alpha* de Cronbach foram elevados

³ Anexo D.

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

nas três dimensões do instrumento ($\alpha = .835$ na dimensão *causas*; $\alpha = .814$ na dimensão *manutenção* e $\alpha = .807$ na dimensão *resolução*) (Anexo A, Tabelas 11, 13 e 15). O valor médio das respostas na dimensão *causas* é 33.29 (DP= 6.678), na dimensão *manutenção* é 39.26 (DP= 6.269) e na dimensão *resolução* o valor obtido foi 42.74 (DP= 5.833) (Anexo A, Tabelas 12, 14 e 16).

3.2.4. Escala de Táticas de Conflito Revista (CTS2)⁴

A CTS-2 (Straus, Hamby, Boney-McCoy, & Sugarman, 1996) pretende avaliar o modo como os casais resolvem os seus conflitos, através de estratégias de negociação ou de abuso, nomeadamente, abuso físico sem sequelas, abuso físico com sequelas, agressão psicológica e coerção sexual (Alexandra & Figueiredo, 2006; Straus, 1996). Inclui 39 itens agrupados em pares, tendo por referência o participante e o seu companheiro, perfazendo um total de 78 questões. Permite obter dados a respeito dos dois elementos do casal, comparar as suas respostas quando administradas a ambos os elementos e determinar o quanto as táticas de resolução de conflito são utilizadas por cada um, mesmo quando um dos elementos não é diretamente avaliado. O tempo de administração situa-se entre os 10 e os 15 minutos (Alexandra & Figueiredo, 2006; Straus *et al.*, 1996).

A CTS-2 contabiliza o número de ocorrências durante o último ano por parte do indivíduo e pelo companheiro, incluindo oito categorias de resposta; as primeiras seis destinam-se a determinar a prevalência e cronicidade de ocorrências de gestão do conflito no último ano e as restantes destinam-se a determinar a prevalência global: (1) uma vez, de há um ano para cá; (2) duas vezes, de há um ano para cá; (3) 3-5 vezes, de há um ano para cá; (4) 6-10 vezes, de há um ano para cá; (5) 11-20 vezes, de há um ano para cá; (6) mais de 20 vezes, de há um ano para cá; (A) isso aconteceu-me noutra(s) relação(ões); e, por último, (0) nunca aconteceu.

Relativamente à consistência interna, no estudo de validação do instrumento o valor de *alpha* de Cronbach é $\alpha = .79$ para a perpetração e $\alpha = .80$ para a vitimização. Foram calculados os valores de *alpha* de Cronbach para cada uma das dimensões, que correspondem aos diferentes tipos de abuso. Dentro de cada uma das dimensões foram calculados os valores de *alpha* de Cronbach quanto à perpetração e quanto à vitimização (Alexandra & Figueiredo, 2006) (Tabela 1).

Tabela 1.

Valores de *alpha* de Cronbach obtidos para o CTS-2 no estudo de validação de Alexandra e Figueiredo (2006).

		Alpha de Cronbach	
		Perpetração	Vitimização
Subescalas	Abuso físico com sequelas	.50	.47
	Abuso físico sem sequelas	.78	.74
	Agressão psicológica	.68	.64
	Coerção sexual	.56	.51

⁴ Anexo E.

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

Negociação	.73	.71
------------	-----	-----

No presente estudo, os valores de *alpha* de Cronbach relativos à perpetração foram mais elevados na escala de abuso físico com sequelas ($\alpha = .892$), seguida pelas escalas de abuso físico sem sequelas ($\alpha = .827$), negociação ($\alpha = .782$), agressão psicológica ($\alpha = .732$) e, por fim, coerção sexual ($\alpha = .716$). Todos os valores indicam uma consistência interna aceitável.

Como se verifica na Tabela 2, no que concerne à vitimização, foram obtidos valores mais elevados na escala de abuso físico com sequelas ($\alpha = .903$), seguida da escala de abuso físico sem sequelas ($\alpha = .838$), negociação ($\alpha = .788$), agressão psicológica ($\alpha = .714$) e, por fim, coerção sexual ($\alpha = .649$). O valor referente a esta última escala está um pouco abaixo do valor considerado mínimo aceitável ($\alpha = .70$). Se o ítem 16, pertencente a esta escala, fosse retirado da mesma, o valor de *alpha* de Cronbach subiria até ao valor .714, ficando assim dentro dos padrões mínimos aceitáveis (Anexo A, Tabela 17).

Tabela 2.

Valores de *alpha* de Cronbach obtidos para o CTS-2 no presente estudo.

		Alpha de Cronbach	
		Perpetração	Vitimização
Subescalas	Abuso físico com sequelas	.892	.903
	Abuso físico sem sequelas	.827	.838
	Agressão psicológica	.732	.714
	Coerção sexual	.716	.649
	Negociação	.782	.788

Da análise da precisão, a nível da consistência interna, pode-se verificar que os valores obtidos permitem fazer as análises estatísticas com algum grau de confiança na informação recolhida.

3.3. Procedimentos estatísticos

Tendo em conta os objetivos e hipóteses delineados, para uma análise dos dados, proceder-se-á à análise descritiva dos dados recolhidos, à utilização da ANOVA *one way* e, quando os dados não o permitirem, ou seja, quando o número de participantes em cada categoria for discrepante ou reduzido, irá recorrer-se ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*. Para analisar a hipótese 4, irá recorrer-se à ANOVA *two way*, uma vez que possibilita testar a interação entre factores/variáveis (Maroco, 2003).

IV - Resultados

4.1. Estatísticas descritivas sobre a vivência prévia de violência (in)direta na infância e adolescência e as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Das respostas dos participantes às questões do Questionário Sociodemográfico relativamente à experiência prévia de violência (in)direta,

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

verifica-se que, dos 311 da amostra total, 280 (90.9%) referem não ter sido exposto a abusos físicos com agressões entre os pais/cuidadores (Anexo F, Tabela 1); 65.6% assinalam não ter sido expostos a violência verbal entre os seus pais/cuidadores, enquanto 25.3% dizem ter sido expostos, embora de forma esporádica e 9.1% da amostra menciona ter sido exposto a este tipo de violência com grande frequência (Anexo F, Tabela 2). Quanto à violência sexual, 99.7% da amostra diz não ter sido exposta e um participante refere ter sido exposto a violência sexual entre os seus pais/cuidadores, de forma esporádica (Anexo F, Tabela 3).

Sobre a possível vitimização direta na infância e adolescência, relativamente aos castigos físicos por mau comportamento, 65.5% dos participantes referem não ter sido vítimas, 4.2% assinalam terem sido vítimas por parte do pai, 10% por parte da mãe, 18.7% por ambos e 1.6% por outros familiares (Anexo F, Tabela 4). Dos participantes que afirmaram terem sido vítimas de castigos físicos, 87% referem que tal aconteceu de forma esporádica, enquanto 13% mencionam ter acontecido com grande frequência.

No que respeita a castigos físicos por mau comportamento na escola, 87.7% dos participantes dizem não terem sido vítimas, 11.3% referem que tal aconteceu raramente e 3 sujeitos assinalam terem sido vítimas de castigos físicos na escola com grande frequência (Anexo F, Tabela 5).

Da amostra total, 84.1% afirmam não terem sido vítimas de violência verbal com insultos e humilhações por parte dos pais ou cuidadores, 12.6% referem ter sido vítimas de tal violência, mas raramente e 3.2% sofreu este tipo de violência com grande frequência (Anexo F, Tabela 6). A maior parte dos participantes, 92.9%, afirma não ter sido vítima deste tipo de abuso por parte de professores ou outros educadores, no entanto, 6.5% referem ter sido vítimas deste abuso por professores ou outros educadores de forma esporádica e 2 participantes referem grande frequência (Anexo F, Tabela 7).

Relativamente ao abuso sexual, 98.7% dos participantes dizem não ter sido forçados a ter actos sexuais contra a própria vontade, três (1%) afirmaram terem sido vítimas ocasionalmente e um participante respondeu que tal aconteceu com grande frequência (Anexo F, Tabela 8).

Às questões que pretendiam analisar o grau de concordância dos participantes em relação à aceitação da violência sob o efeito de álcool e drogas, considerando o consumo de álcool, 81.5% referem que a violência física e/ou verbal nas relações de casal nunca é aceitável se o agressor estiver alcoolizado, enquanto 2 assinalam que a violência é mais compreensível se o agressor estiver alcoolizado (Anexo F, Tabela 9).

Considerando o consumo de drogas (cannabis/haxixe), 82.5% dos participantes referem que a violência física/verbal nas relações de casal não é mais compreensível se o agressor estiver sob o efeito desse tipo de drogas, enquanto 3 consideram que, se o agressor estiver sob o efeito desse tipo de drogas, a violência física/verbal nas relações de casal é mais compreensível (Anexo F, Tabela 10).

Relativamente aos factores de activação, manutenção e resolução da violência entre parceiros íntimos, foram analisadas as frequências relativas

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

às respostas ao QVC-CMR, que permitiram verificar que, segundo os participantes desta amostra, as causas mais influentes na ocorrência de violência conjugal são as relações extraconjugais do agressor/da vítima (M=2.84; DP=.776), os antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima (M=2.83; DP=.901), os consumos de álcool ou drogas por parte do agressor (M=2.72; DP=.799) e doença mental do mesmo. Portanto, os sujeitos da amostra reportam causas mais centradas no agressor.

Quanto aos fatores de manutenção com maior média, ou seja, considerados mais importantes, destacam-se a ausência de denúncia por parte da vítima ou de terceiros (M=3.51, DP=.679), falta de confiança na eficácia da justiça (M=3.26; DP=.747), promessas de mudança por parte do agressor (M=3.21; DP=.728), medo de retaliações por parte da vítima (M=3.16, DP=.759) e ternura do agressor fora dos momentos de violência (M=3.06, DP=.769).

Os fatores de resolução com maior média passam pela proteção da vítima e dos filhos, se os houver (M=3.64, DP=.590), estimular a denúncia das situações de violência (M=3.61, DP=.597), condenar mais agressores (M=3.40, DP=.702) – o que vai ao encontro dos valores encontrados relativamente ao fator de manutenção de falta de confiança na eficácia da justiça –, educação para a prevenção da violência logo na escolaridade obrigatória (M=3.37, DP=.683), informar mais a população geral sobre as consequências da violência conjugal (M=3.31, DP=.710), tratar o agressor (M=3.18, DP=.793), – o que vai de encontro com o facto de os sujeitos reportarem mais causas centradas no agressor –, e estimular a separação/divórcio do casal (M=3.10, DP=.828). É importante referir que a média do fator de resolução “mudar o comportamento da vítima” é 3.0 (DP=.940), menor do que o fator “tratar o agressor”, o que pode indicar que os sujeitos acreditam que a violência se deve mais ao comportamento do agressor do que ao comportamento da vítima. Tais resultados vão, também, ao encontro dos valores relativos às causas da violência conjugal, em que as condições centradas no agressor foram igualmente as mais destacadas.

4.2. Resultados relativos à Hipótese 1: A experiência de violência na infância influencia as representações sociais atuais no sentido de uma maior legitimação da violência entre parceiros íntimos

Para analisar esta hipótese foram efetuados procedimentos estatísticos no sentido de analisar a influência da vivência de violência na infância nas respostas ao QVC-HIS, uma vez que este instrumento nos permite identificar as representações dos sujeitos relativamente à legitimação ou banalização do fenómeno em estudo.

Foi aplicado o teste *Kruskal-Wallis*, através do qual se verificou não existirem diferenças estatisticamente significativas nas respostas às três histórias do QVC-HIS entre os participantes que foram expostos a abusos físicos com agressões durante a infância e a adolescência entre pais/cuidadores e os que não foram expostos a este tipo de abuso (História 1: $\chi^2(2)=3.144$; $p=.208$; História 2: $\chi^2(2)=.369$; $p=.831$; História 3: $\chi^2(2)=.091$;

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

$p=.955$).

Relativamente à exposição à violência verbal entre pais/cuidadores durante a infância e adolescência, o teste de ANOVA *one way* revelou que não existe efeito estatístico significativo desta variável em nenhuma das histórias do QVC-HIS. Os valores alcançados na História 1 são $F(2, 297)=.736$, $p=.480$; na História 2 são $F(2, 302)=.023$, $p=.977$; e na História 3 são $F(2, 302)=.410$, $p=.664$.

Quanto à exposição a situações de agressão sexual entre os pais/cuidadores durante a infância/adolescência, apenas um participante afirmou ter vivido tal situação e referiu que aconteceu com raridade. Assim, não se procedeu a análise estatística relativa a este aspeto.

Para comparar as respostas dos participantes que foram ou não expostos a maus tratos de outro tipo durante a infância e adolescência entre os pais/cuidadores, usou-se o teste de *Kruskal-Wallis*, verificando-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nas três histórias do QVC-HIS (História 1: $\chi^2(2)=1.664$; $p=.435$; História 2: $\chi^2(2)=.597$; $p=.742$; História 3: $\chi^2(2)=.065$; $p=.968$).

Não se verificou efeito estatístico significativo da vitimização de castigos físicos por mau comportamento em casa durante a infância em nenhuma das histórias (História 1: $F(4, 297)=.668$, $p=.614$; História 2: $F(4, 302) = .396$, $p=.811$; História 3: $F(4, 302) = .632$, $p=.640$). O mesmo aconteceu relativamente à vitimização de castigos físicos por mau comportamento na escola (História 1: $F(2, 297)=1.25$, $p=.288$; História 2: $F(2, 302)=2.702$, $p=.069$; História 3: $F(2, 302)=2.094$, $p=.125$).

Uma ANOVA *one way* permitiu verificar que não existe efeito estatístico significativo da vitimização de violência verbal por parte dos pais nas respostas em nenhuma das histórias (História 1: $F(2, 297)=.228$, $p=.796$; História 2: $F(2, 302)=1.834$, $p=.162$; História 3: $F(2, 302)=2.489$, $p=.085$).

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas nas respostas às três histórias do QVC-HIS entre os participantes que sofreram violência verbal com insultos e humilhações por parte de professores e os que não sofreram este tipo de abuso (História 1: $\chi^2(2)=.008$; $p=.996$; História 2: $\chi^2(2)=.012$; $p=.994$; História 3: $\chi^2(2)=.837$; $p=.658$).

O mesmo se verificou relativamente à vitimização de abusos sexuais durante a infância e/ou adolescência; não se verificaram diferenças entre os grupos nas respostas às questões da História 1 ($\chi^2(2)=3.198$; $p=.202$), da História 2 ($\chi^2(2)=3.361$; $p=.186$) e da História 3 ($\chi^2(2)=1.229$; $p=.541$).

4.3. Resultados relativos à Hipótese 2: A perpetração da violência em relações de intimidade na idade adulta é maior nos participantes que referem experiências de violência na infância

Através de uma ANOVA *one way* foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que não foram vítimas de castigos físicos em casa e os que foram vítimas de tal relativamente à perpetração de abuso físico ligeiro sem sequelas ($F(4,281)=5.338$, $p=.000$) e à perpetração de abuso físico total (ligeiro+severo) sem sequelas ($F(4,281)=3.091$, $p=.016$). No entanto, comparações múltiplas à *posteriori*, baseadas no ajustamento de Bonferroni,

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

indicam apenas diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos que não foram vítimas de castigos físicos e aqueles que foram vítimas de tal por parte do pai/cuidador no que diz respeito à perpetração de abuso físico ligeiro sem sequelas (I.C. a 95% [-1.71; -.20]; $p=.004$), apresentando os últimos maiores valores da perpetração de abuso (Anexo F, Tabela 11).

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que foram vítimas de violência verbal por parte dos pais durante a infância e adolescência e aqueles que não sofreram deste tipo de abuso no que concerne à perpetração de abuso físico ligeiro sem sequelas ($F(2,280)=4.043$, $p=.019$). Comparações múltiplas à *posteriori* baseadas no ajustamento de Bonferroni permitiram verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos que foram, com raridade, vítimas de violência verbal por parte dos pais e aqueles que não foram vítimas de tal relativamente à perpetração de abuso físico ligeiro sem sequelas (I.C. a 95% [-.80; -.05]; $p=.019$), verificando-se que os sujeitos que sofreram de violência verbal por parte dos pais apresentam valores mais elevados de perpetração de tal abuso (Anexo F, Tabela 12).

4.4. Resultados relativos à Hipótese 3: A vitimização da violência em relações de intimidade na idade adulta é maior nos participantes que referem experiências de violência na infância

Através do teste *Kruskal-Wallis*, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que foram expostos a violência física durante a infância e adolescência entre os pais/cuidadores, relativamente aqueles que não foram expostos a este tipo de violência, nos valores de vitimização de agressão psicológica severa nas relações de intimidade atuais ($\chi^2(2)=8.221$; $p=.016$), sendo que os que estiveram expostos a tal com raridade (Média: 164.44) e os que estiveram expostos a tal com grande frequência (Média: 211.0) obtiveram valores mais elevados de vitimização relativamente aos que não estiveram expostos (Média: 139.09).

Para analisar a influência da exposição à violência verbal durante a infância e adolescência entre os pais/cuidadores nas relações de intimidade atuais, realizou-se o teste de ANOVA *one way*, tendo-se verificado diferenças entre os participantes que foram expostos a este tipo de violência e aqueles a quem isso não tinha acontecido no que respeita à vitimização de agressão psicológica ligeira ($F(2,263)=3.238$, $p=.041$) e à vitimização de agressão psicológica total nas relações atuais ($F(2,261)=3.259$, $p=.040$). No entanto, em comparações múltiplas à *posteriori*, baseadas no ajustamento de Bonferroni, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos nas várias condições ($p>.05$).

Quanto à análise da influência à exposição a maus tratos de outro tipo, o teste *Kruskal-Wallis* permitiu verificar que existem diferenças entre os participantes que estiveram expostos e os que não estiveram expostos, relativamente à vitimização de agressão psicológica total ($X^2(2)=6.072$; $p=.048$), verificando-se que os sujeitos que estiveram expostos a tal obtêm maiores valores de vitimização (Média: 183.83) relativamente aqueles que

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

não estiveram expostos (Média: 130.39).

Foi possível verificar, através do cálculo da ANOVA *one way*, que existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que não foram vítimas de castigos físicos em casa e os que foram vítimas de tal relativamente à vitimização de agressão psicológica severa ($F(4,284)=2.890$, $p=.023$), quanto à vitimização de agressão psicológica total ($F(4,263)=2.402$, $p=.050$) e à vitimização de abuso físico ligeiro sem sequelas ($F(4,283)=2.998$, $p=.019$). No entanto, comparações múltiplas *a posteriori* baseadas no ajustamento de Bonferroni não encontraram quaisquer diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos nas várias condições ($p>.05$).

Relativamente à vitimização de violência verbal por parte dos pais durante a infância e adolescência, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes que não sofreram deste tipo de violência e aqueles que foram vítimas da mesma no que diz respeito à vitimização de agressão psicológica ligeira ($F(2,265)=4.516$, $p=.012$), à vitimização de agressão psicológica total ($F(2,263)=5.919$, $p=.003$) e à vitimização de abuso físico ligeiro sem sequelas ($F(2,282)=4.897$, $p=.008$). Comparações múltiplas *a posteriori*, baseadas no ajustamento de Bonferroni, permitiram verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos que não sofreram de violência verbal por parte dos pais/cuidadores e aqueles que sofreram de tal com grande frequência no que diz respeito à vitimização de agressão psicológica total (I.C. a 95% [-3.41; -.22]; $p=.019$), verificando-se que os últimos apresentam valores mais elevados de vitimização. Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos que não sofreram violência verbal por parte dos pais/cuidadores e os que sofreram de tal com raridade no que diz respeito à vitimização de abuso físico ligeiro sem sequelas (I.C. a 95% [-.87; -.08]; $p=.012$) (Anexo F, Tabela 13).

Foram também realizadas análises para estudar a influência da vitimização de castigos físicos por mau comportamento na escola durante a infância e adolescência, da vitimização de violência verbal por parte de professores ou outros educadores e da vitimização de abuso sexual, não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($p>.05$) relativamente à vitimização e/ou perpetração de violência nas relações de intimidade atuais.

4.5. Resultados relativos à Hipótese 4: A variável Sexo é moderadora do efeito da experiência de violência na infância nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos.

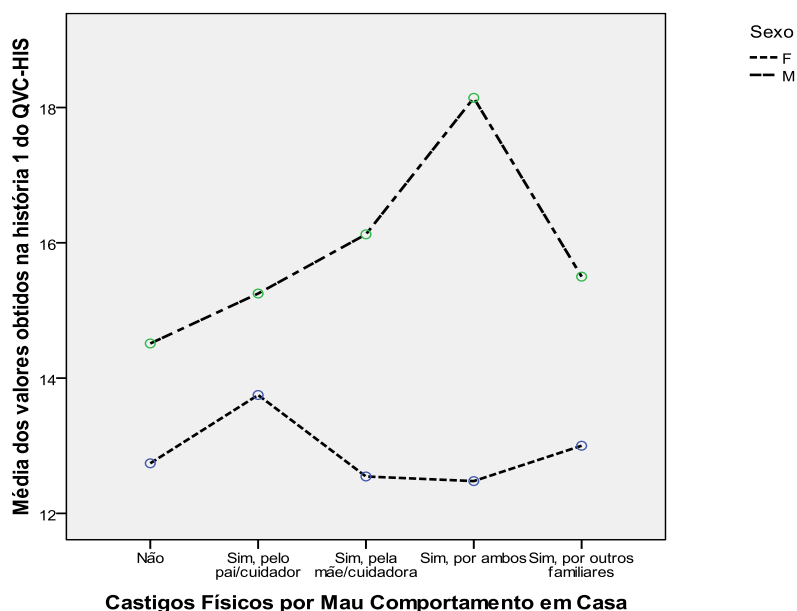
Esta hipótese irá apenas ser trabalhada para as variáveis que permitem fazer testes paramétricos, nomeadamente, exposição à violência verbal entre pais/cuidadores durante a infância e adolescência, vitimização de castigos físicos por mau comportamento em casa, vitimização dos castigos físicos na escola e vitimização de violência verbal por parte dos pais.

Para analisar a influência do sexo em concomitância com a análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

experiência de exposição a violência verbal entre pais/cuidadores durante a infância e adolescência, calculou-se uma ANOVA *two way*. Os resultados permitiram verificar que o fator *sexo* influencia os valores nas respostas às questões da história 1 do QVC-HIS ($F(1,294)=9.847, p=.002$) mas não existe efeito significativo da interação entre o fator *sexo* e o fator *violência verbal entre os pais* ($F(2,294)=.823, p=.440$), na História 1. Considerando a História 2, o fator *sexo* não influencia as respostas ($F(1,299)=2.649, p=.105$) e não existem diferenças significativas em função da interação interação entre o fator *sexo* e o fator *violência verbal entre os pais* ($F(2,299)=1.064, p=.346$). Para a História 3 os resultados permitiram verificar que o fator *sexo* influencia os valores nas respostas às questões da história 3 ($F(1,299)=7.314, p=.007$) mas não existe interação significativa entre o fator *sexo* e o fator *violência verbal entre os pais* ($F(2,299)=.450, p=.638$).

Procedeu-se à mesma análise relativamente à vitimização de castigos físicos por mau comportamento em casa. Verificou-se que o fator *sexo* influencia os valores nas questões da História 1 ($F(1,292)=12.455, p=.000$), e apurou-se que existe uma interação significativa entre o fator *sexo* e o fator *castigos físicos em casa* ($F(4,292)=2.713, p=.030$). Numa análise mais pormenorizada foi possível verificar que o sexo masculino, comparativamente com o sexo feminino, é mais legitimador da violência, como se pode verificar pelas médias mais elevadas na referida história (Gráfico 1). Verifica-se igualmente que, quando é o pai o perpetrador deste tipo de violência, aumentam os valores da História 1 do sexo feminino, ou seja, aumenta a legitimação à violência entre parceiros íntimos. Quando é a mãe a perpetradora de violência, ocorre o efeito contrário, verificando-se que aumentam sucessivamente os valores para o sexo masculino, aumentando assim a legitimação em relação à violência entre parceiros íntimos. Quando a violência física é perpetrada por outros familiares, denota-se um decréscimo nos valores da História 1 no sexo masculino, ocorrendo uma ligeira subida dos mesmos no sexo feminino.

Gráfico 1. Efeito do sexo e dos castigos físicos por mau comportamento em casa nos valores da história 1 do QVC-HIS



Relativamente à História 2, verificou-se novamente que o fator *sexo* influencia os valores nas questões ($F(1,297)=4.711, p=.031$), mas não se apurou efeito significativo da interação entre o fator *sexo* e o fator *castigos físicos em casa* ($F(4,297)=.807, p=.522$).

Resultados análogos verificaram-se relativamente à História 3, em que se confere a influência do fator *sexo* nas respostas às questões da referida história ($F(1,297)=8.794, p=.003$), não se verificando efeito significativo da interação entre o fator *sexo* e o fator *castigos físicos em casa* ($F(4,297)=.672, p=.612$).

Quanto à vitimização dos castigos físicos na escola nas respostas, não se encontrou nenhum efeito estatisticamente significativo do fator *sexo*, assim como da interação entre ambos nas histórias do QVC-HIS.

Procedeu-se à mesma análise relativamente à vitimização de violência verbal por parte dos pais. Verificou-se novamente que o fator *sexo* influencia os valores nas questões da História 1 ($F(2,295)=3.908, p=.049$), e não existe efeito significativo da interação entre o fator *sexo* e o fator *violência verbal por parte dos pais* ($F(2,295)=2.129, p=.121$). Relativamente às Histórias 2 e 3, não se verificou um efeito significativo do fator *sexo* ($p>.05$), nem da interação entre o fator *sexo* e o fator *violência verbal por parte dos pais* ($p>.05$).

4.6. Análises exploratórias

Foi calculada uma ANOVA *one way*, que permitiu verificar que existe efeito estatístico significativo do curso dos participantes nas respostas às questões das três histórias do QVC-HIS (História 1: $F(3, 301)=4.906, p=.002$; História 2: $F(3, 306)=2,752, p=.043$; História 3: $F(3, 306)=6.149, p=.000$), especialmente nas respostas à história 3.

Através de comparações múltiplas a *posteriori* verificou-se que existem diferenças significativas entre os participantes de Psicologia e os que frequentam cursos de Engenharia nas respostas aos itens da História 1 do QVC-HIS (I.C. a 95% [-2.91; -.28]; $p=.009$). Verificam-se, ainda, diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos de Psicologia e os sujeitos pertencentes a Outros Cursos⁵ nas respostas às questões da História 2 (I.C. a 95% [-4.70; -.02]; $p=.047$). Na História 3 as diferenças são maiores, verificando-se diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos de Psicologia e os estudantes de Engenharia (I.C. a 95% [-3.22; -.36]; $p=.006$), assim como entre os estudantes de Psicologia e os sujeitos pertencentes a Outros Cursos (I.C. a 95% [-4.62; -.66]; $p=.003$). Estes resultados indicam que os estudantes de Psicologia legitimam menos a violência entre parceiros íntimos, comparativamente aos estudantes de Engenharias e de Outros Cursos (Anexo F, Tabela 14).

Uma ANOVA *one way* permitiu verificar que não existe efeito do ano escolar nas respostas ao QVC-HIS (História 1: $F(4, 301)=1.259, p=.286$; História 2: $F(4, 306)=1.543, p=.190$; História 3: $F(4, 306)=1.50, p=.202$).

⁵ Cursos não se integram nas categorias de “Psicologia”, “Ciências Sociais/Humanas” e “Engenharia”.

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

V - Discussão

Tendo em conta que, em Portugal, não existe ainda informação oficial acerca da prevalência da exposição à violência interparental (Sani, 2011), este estudo veio dar um contributo neste sentido, demonstrando que a violência que os participantes mais registaram durante a infância e adolescência foi a violência verbal (25.3% raramente e 9.1% com grande frequência) e aquela a que estiveram menos expostos foi a agressão sexual, tendo um estudante referido ter sido exposto a tal e que aconteceu com raridade. Na investigação de Silver *et al.* (1995, como citado em Cardoso, 2012), foram encontrados valores um pouco mais elevados de exposição aos conflitos entre os pais numa amostra de jovens universitários, tendo encontrado uma percentagem de 37%. Baldry (2003) encontrou uma percentagem de 17,4% de alunos que referiram terem sido expostos a violência interparental.

Verificou-se, através dos valores obtidos nas respostas ao QVC-CMR, que os estudantes desta amostra reportam como causas de violência entre parceiros íntimos condições centradas no agressor, tal como foi verificado por Correia (2008) num estudo realizado com uma amostra de estudantes e profissionais do Direito, e por Figueiredo (2010) numa amostra de perpetradores de violência. É interessante verificar que os participantes concordam que, uma das causas da violência conjugal são os antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima, tal como verificado por Correia (2008), no entanto, nesta amostra, não se verificou esta influência nas respostas às questões do QVC-HIS, como irá ser discutido no ponto seguinte desta discussão.

Uma das causas para a violência conjugal mais reportadas pelos estudantes desta amostra foi o consumo de álcool e drogas por parte do agressor, o que também foi verificado por outros autores (*e.g.* Casimiro, 2002; Correia, 2008). No entanto, a concordância dos participantes em relação às questões colocadas no questionário sociodemográfico quanto à crença de que a violência é mais compreensível se o agressor estiver sob o efeito de álcool ou drogas, foi baixa, sendo que a maior parte (cerca de 80%) referiu que tal não é compreensível.

Os fatores de manutenção mais reportados vão ao encontro do que foi já verificado em investigações anteriores (*e.g.*, Aguilar, 2010; Figueiredo, 2010), destacando-se a falta de denúncia por parte da vítima.

Quanto aos fatores de resolução destacaram-se, tal como em outras investigações (*e.g.*, Aguilar, 2010; Figueiredo, 2010; Paiva, 2010), os fatores relacionados com a prevenção da violência entre parceiros íntimos, através da sensibilização e informação à população e a educação em torno desta problemática durante a escolaridade obrigatória.

Foi obtido um efeito significativo do curso que os estudantes se encontram a frequentar, verificando-se que os alunos de Psicologia são menos legitimadores da violência, comparativamente aos de Engenharia e Outros Cursos. Tais resultados foram também encontrados por Paiva (2010).

Provavelmente os alunos de Psicologia poderão estar mais sensibilizados e informados acerca desta problemática, conhecendo também as suas consequências para os diversos intervenientes numa relação violenta, favorecendo assim uma atitude menos legitimadora.

Não se verificou efeito do ano escolar relativamente às crenças em torno da violência entre parceiros íntimos, com os alunos dos últimos anos a não se diferenciarem dos alunos dos primeiros anos, contrariamente ao que foi encontrado no estudo de Paiva (2010) e no de Casimiro (2002).

Analisando a **influência da experiência de violência na infância nas representações sociais atuais no sentido de uma maior legitimação da violência entre parceiros íntimos**, contrariamente ao referido por diversos autores (e.g., Gomes, 2005; Kuhner, Height, & Nicolle, 2004; Paiva e Figueiredo, 2003; Riggs & O'Leary, 1996), neste estudo não se verificou um efeito significativo da experiência (in)direta de violência na infância nas representações sociais sobre a violência em relações de intimidade. Assim, não se confirmou a hipótese 1.

Paiva e Figueiredo (2003) referem que, através das experiências com as figuras significativas, cada indivíduo constrói modelos internos dinâmicos que se traduzem em guiões do seu próprio comportamento interpessoal. Riggs e O'Leary (1996) afirmam mesmo que, quando uma criança é exposta à violência interparental ou é vítima direta de violência, aprende que esta é aceitável e até mesmo normativa. Kalmuss (1984, como citado em Kwong *et al.*, 2003) explica que tal se deve à associação entre a exposição à violência entre os membros da família e a mensagem de que a agressão é um meio permitido para a resolução dos problemas. No entanto, nos resultados obtidos nesta amostra, tal não se verificou. Estes resultados podem estar relacionados com o facto de a amostra deste estudo ser constituída por estudantes do ensino superior, ou seja, indivíduos com nível elevado de formação académica. Machado (2005) verificou que a legitimação da violência conjugal diminui à medida que aumentam os anos de educação formal recebida. De igual modo, Casimiro (2002) verificou que, à medida que diminui a escolaridade, aumenta a tolerância em relação à violência.

Além disso, os participantes que foram expostos e/ou vítimas de violência podem ter vivido experiências e ter estabelecido relações interpessoais positivas e seguras, que se tenham constituído fatores de proteção e que não confirmem os modelos aprendidos em observação ou vitimização de violência.

Analisou-se se **a experiência de violência na infância relativamente à perpetração e à vitimização em relações de intimidade na idade adulta**. Tal como referido por alguns autores (e.g., Fergusson, Boden, & Horwood, 2008; Gomes, 2005; O'Keefe, 1998; Paiva e Figueiredo, 2003; Widom & Maxfield, 2001), existe uma influência da experiência de violência na infância e a vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade na idade adulta. No presente estudo verificou-se que tal experiência influencia especialmente a vitimização nas relações de intimidade atuais.

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

De acordo com Swinford, DeMaris, Cernkovich, e Giordano (2000), a punição física na infância tem influência na perpetração de abuso físico nas relações de intimidade no início da idade adulta. Widom e Maxfield (2001) referem que as crianças com um histórico de abuso físico se encontram mais predispostas a manter a violência física anos mais tarde. No presente estudo apurou-se que, sujeitos vítimas de castigos físicos por parte do pai/cuidador durante a infância e adolescência, obtiveram valores mais elevados de perpetração de abuso físico nas relações de intimidade atuais, comparativamente com os que não sofreram este tipo de castigo.

No presente estudo, também se verificou influência da vitimização de violência verbal por parte dos pais/cuidadores durante a infância e adolescência na perpetração de violência física, tal como também foi referido por Paiva e Figueiredo (2003).

Curiosamente, e contrariamente ao que foi encontrado em algumas investigações (e.g., Fergusson, Boden, & Horwood, 2008; Jankowsky, Leitnberg, Henning, & Coffey, 1999; Ribeiro, 2010), neste estudo, não se verificou efeito significativo da exposição à violência interparental na perpetração de violência nas relações de intimidade atuais. Assim, podemos concluir que a hipótese 2 foi, em parte, confirmada, verificando-se apenas a influência da vitimização de castigos físicos e violência verbal por parte dos pais/cuidadores na infância e adolescência relativamente à perpetração de violência nas relações de intimidade na idade adulta.

Através dos resultados obtidos, pode verificar-se que a exposição à violência interparental, – nomeadamente à violência física e a outros maus tratos –, durante a infância e adolescência, tem sim influência na vitimização de violência nas relações de intimidade na idade adulta, nomeadamente no que diz respeito à vitimização de agressão psicológica. Esta influência da exposição à violência interparental na vitimização em relações de intimidade atuais foi também encontrada por alguns autores. Follingstad *et al.* (1992, como citado em O'Keefe, 1998) refere que a violência interparental constitui um fator de risco para a vitimização de violência nas relações de intimidade na juventude. O'Keefe *et al.* (1986, como citado em Glass, Fredland, Yonas, Sharp, & Kub, 2003) verificaram igualmente que, metade dos adolescentes vítimas de abuso na intimidade, estiveram expostos a violência interparental. De igual forma, Fergusson, Boden e Horwood (2008), além de terem encontrado uma associação significativa entre a exposição à violência interparental na infância e o aumento do risco de perpetração de violência psicológica entre os parceiros na idade adulta, – que não se verificou no presente estudo – verificou também uma associação desta exposição à vitimização de violência nas relações de intimidade na idade adulta.

Através da análise dos dados desta amostra, foi possível apurar também a influência da vitimização de violência verbal por parte dos pais/cuidadores durante a infância e adolescência na vitimização de agressão psicológica e física nas relações de intimidade na idade adulta, confirmando assim que a violência sofrida durante a infância comporta consequências (Alberto, 2004) a longo prazo nas relações interpessoais. A vitimização de violência na infância leva a que o indivíduo demonstre mais dificuldades no relacionamento na idade adulta, tendo maior propensão a ser vítima de

violência nas relações interpessoais (Paiva & Figueiredo, 2003).

Não se apurou a influência da vitimização de violência verbal por parte dos professores ou outros educadores nas relações de intimidade na idade adulta, podendo assim, verificar-se que a relação com os pais apresenta uma maior influência no desenvolvimento de padrões de interação, nomeadamente, nas relações com parceiros amorosos, confirmando-se deste modo a influência da família de origem nas escolhas conjugais (Gomes, 2005).

Assim, a hipótese 3 foi, em parte, confirmada, verificando-se a influência da experiência de violência da infância, – nomeadamente, da exposição à violência física e outros maus tratos entre os pais/cuidadores e da vitimização de violência verbal por parte dos pais/cuidadores – na vitimização nas relações de intimidade na idade adulta.

Estudando se a **variável Sexo é moderadora do efeito da experiência de violência na infância nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos**, apenas se verifica uma interação significativa entre o fator sexo e os castigos físicos em casa nas respostas à História 1 do QVC-HIS, não se verificando efeito da interação entre o fator sexo e qualquer outro tipo de experiência de violência na infância.

Foi possível observar que, tendo em conta a vivência de castigos físicos em casa durante a infância e adolescência, quanto à História 1 do QVC-HIS, o sexo masculino é mais legitimador da violência entre parceiros íntimos comparativamente com o sexo feminino, tal como é verificado em diversas investigações (Aguilar, 2010; Machado, Matos, & Moreira, 2003; Machado, 2005; Paiva, 2010; Silva & Matos, 2001), pois parecem defender mais que a violência é justificável em função dos comportamentos das mulheres.

É importante referir que a História 1 do QVC-HIS remete para um casal de enfermeiros a viver uma relação violenta, em que o homem é o agressor. Este facto pode ter levado a que o sexo feminino fosse o menos legitimador da violência. Pelo facto de ser um casal com maiores qualificações académicas, pode ter levado a que a amostra deste estudo se tenha identificado com os envolventes, levando assim a uma maior discrepância nos valores obtidos por homens e mulheres.

De acordo com Felm (1994, como citado em Wolfe, Wekerle, & Scott, 1996), os rapazes percecionam-se como sendo mais poderosos do que as suas parceiras, evidenciando uma postura de poder, competitividade e controlo, podendo estas perceções ter como causa a exposição à violência interparental quando esta é perpetrada pelo homem, pois nos rapazes pode desenvolver-se a crença de que a violência é uma estratégia eficaz de resolução de problemas, enquanto que as meninas desenvolvem condutas de submissão e obediência (Hernandez & Gras, 2005). Neste estudo verificou-se que, quando a perpetração de castigos físicos é perpetrada pela mãe, os rapazes tornam-se mais legitimadores da violência entre parceiros íntimos na idade adulta, diminuindo a legitimação da mesma por parte das raparigas. Quando as raparigas na infância sofrem castigos físicos por parte do pai, tornam-se mais legitimadoras da violência entre parceiros íntimos na idade

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

adulta. É ainda interessante verificar que, quando os castigos físicos na infância são perpetrados por ambos os pais, os valores de legitimação nas raparigas mantêm-se, enquanto aumentam nos rapazes.

Tendo em conta estes resultados, nos rapazes parece desenvolver-se mais a crença de que a violência é uma estratégia legítima e eficaz de resolução dos problemas entre os casais, tal como é referido por Baldry (2003) e Hernandez e Gras (2005).

Seria de esperar que a exposição à violência interparesse tivesse algum impacto diferenciado entre homens e mulheres (Straus, Kaufman, & Kantor, 1994) nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos, no entanto, tal não se verificou na amostra deste estudo. Isto pode dever-se ao facto de esta amostra ser constituída por estudantes do ensino superior, com uma média de idades de 21.66 anos, sendo de uma geração em que as diferenças entre homens e mulheres são um pouco mais esbatidas, nomeadamente pelas várias campanhas de sensibilização, pela oportunidade de adquirir mais informação relativa a esta problemática e pela formação académica.

Assim, a hipótese 4, de um modo geral, não foi confirmada, verificando-se que a variável sexo é apenas moderadora do efeito de castigos físicos em casa, durante a infância e adolescência, nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos.

VI - Conclusões

São numerosas as investigações que tentam explicar o fenómeno da violência entre parceiros íntimos. As representações sociais, sendo algo pelo qual os indivíduos se regem, são um importante fator a analisar. Uma vez que essas representações são criadas num contexto social, histórico e económico (Hernandez & Gras, 2005; Porto, 2006; Worcester, 2002), é essencial conhecer o contexto em que vivem e viveram os elementos da relação. Este estudo veio dar mais um contributo nesse sentido, procurando perceber a influência da experiência prévia de violência nas representações sociais sobre a violência entre parceiros íntimos.

Através do QVC-CMR, foi possível verificar que as causas da violência conjugal mais apontadas por esta amostra foram as que se encontram mais relacionadas com o agressor, tal como se verificou em investigações anteriores. Os fatores de manutenção mais reportados vão ao encontro do que foi verificado em investigações anteriores, destacando-se a falta de denúncia por parte da vítima. Dos fatores de resolução, a amostra do presente estudo destaca as condições relacionados com a prevenção do fenómeno da violência entre parceiros íntimos, através da sensibilização e informação à população e a educação acerca deste fenómeno durante a escolaridade obrigatória.

Apurou-se um efeito do curso dos participantes nas representações sociais sobre a violência conjugal, destacando-se o curso de Psicologia como menos legitimador da mesma.

É interessante verificar que a vivência de violência na infância e adolescência não influencia, nesta amostra, as representações sociais acerca

da violência entre parceiros íntimos, no entanto, influencia, em parte, a ocorrência de perpetração e vitimização de violência nas relações de intimidade na idade adulta. Especificando: a exposição à violência interparental parece favorecer a vitimização da violência nas relações de intimidade na idade adulta, enquanto que se verifica que a vitimização de violência durante a infância e adolescência favorece, em parte, a vitimização e perpetração de violência nas relações de intimidade.

A interação da variável sexo com a vitimização de castigos físicos durante a infância e a adolescência influencia as respostas aos itens da História 1 do QVC-HIS, com os participantes do sexo masculino a legitimarem mais quando sofreram castigos comparativamente aos participantes do sexo feminino. O sexo masculino é mais legitimador da violência quando sofre castigos físicos por parte de ambos os progenitores, enquanto que o sexo feminino a legitima mais quando sofre castigos físicos por parte do pai/cuidador.

É importante assinalar que é necessária alguma precaução na análise dos resultados, uma vez que este estudo comporta algumas limitações. Apesar de contar com uma amostra de 311 participantes, verificou-se uma grande discrepância entre o número de estudantes do sexo feminino (n=239) e do sexo masculino (n=72). Esta diferença pode ter comprometido os resultados, especialmente no que à análise da hipótese 4 diz respeito.

O protocolo aplicado, em especial o questionário sociodemográfico, coloca questões da esfera íntima dos participantes e foca-se em aspetos sensíveis da vida dos mesmos. Assim, a desejabilidade social, a vergonha em referir aspetos marcantes da vida e até a recusa em admitir determinados comportamentos podem ter afectado as respostas.

Uma outra limitação prende-se com o facto de alguns protocolos terem sido aplicados em contexto de sala de aula, em que os estudantes se encontram lado a lado, com a possibilidade de conseguirem ver as respostas dos colegas, o que pode ter sido um fator de constrangimento nas respostas às questões mais delicadas.

O facto de a amostra ser constituída apenas por estudantes do ensino superior pode ser também uma limitação, pois não é uma classe representativa da população geral e é constituída por uma faixa etária um pouco limitada, sendo a média das idades 21.66 (DP=3.15). Seria interessante, num estudo futuro, a análise de uma amostra da população geral, em que a probabilidade de encontrar indivíduos com diferentes experiências de vida seria maior. Seria ainda interessante fazer este estudo com adolescentes que se encontrem a viver uma relação de namoro.

Bibliografia

- Aguiar, R. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal. Estudo de validação do QRVC-HIS e do QVC-CMR com uma amostra da população geral*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Edições Almedina.

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 105-120.
- Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39.
- Almeida, E. C. V. (2012). *Programa breve de sensibilização/prevenção da violência no namoro*. Trabalho para obtenção do grau de Licenciado em Criminologia, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Baldry, A. C. (2003). Bulling in the schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 27(7), 713-732.
- Berry, B. D. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Los Angeles: Lowel House.
- Camelo, A. I. M. (2009). *Representações sociais em torno da violência conjugal: Estudo exploratório com uma amostra de profissionais da CPCJ*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cardoso, D. F. C. P. (2012). *A percepção social da violência interparental*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpretação. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 485-493.
- Casimiro, A. T. (2002). Representações sociais de violência conjugal. *Análise Social*, XXXVII (163), 603-630.
- Correia, A. T. (2008). *Crenças em torno da violência conjugal: Estudo exploratório junto de advogados, magistrados, auditores de justiça e estudantes de direito*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cortez, M. B., Souza, L., & Queiróz, S. S. (2010). Violência Entre Parceiros Íntimos: uma análise relacional. *Psicologia Política*, 10 (20), 227-243.
- Costa, D. (2005). *Percepção social de mulher vítima de violência conjugal: Estudo exploratório realizado no concelho de Lisboa*. Lisboa: ISCSP-UTL.
- Duarte, A. P., Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Dutton, D. G. (2006). Domestic abuse assessment in child custody disputes: beware the domestic violence research paradigm. *Journal of Child Custody*, 2(4), 23-42.
- Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2008). Developmental Antecedents of Interpartner Violence in a New Zealand Birth Cohort. *Journal of Family Violence*, 23,737-753.
- Figueiredo, J. F. S. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: Estudo exploratório junto de agressores*. Dissertação de

- mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Furman, W., & Flanagan, A. (1997). The influence of earlier relationships on marriage: An attachment perspective. In W.K. Halford & H.J. Markman (Eds.), *Clinical handbook of marriage and couples interventions* (pp. 179-202). Chicester: Wiley.
- Glass, N., Fredland, N., Campbell, J., Yonas, M., Sharps, P., & Kub, J. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.
- Gomes, I. C. (2005). Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. *Boletim de Psicologia*, LV(123), 177-188.
- Hernandez, R. P., & Gras, R. M. L. (2005). Víctimas de violência familiar: consecuencias psicológicas en hijos de mujeres maltratadas. *Anales de Psicologia*, 21(1), 11-17.
- Jankowsky, M., Leitenberg, H., Henning, K., & Coffey, P. (1999). Intergenerational transmission of dating aggression as a function of witnessing only same sex parents vs. opposite sex parents vs. both parents as perpetrators of domestic violence. *Journal of Family Violence*, 14(3), 267-279.
- Kelly, J. B., & Johnson, M. P. (2008). Differentiation among types of intimate partner violence: research update and implications for interventions. *Family Court Review*, 46(3), 476-499.
- Kuhner, M., Height, L., & Nicolle, H. (2004). *Vermont teacher handbook on domestic violence*. Ontario: Centre for Children and Families in the Justice System. Retirado de dcf.vermont.gov/sites/dcf/.../VTteachhandbook.pdf.
- Kwong, M. J., Bartholomew, K., Henderson, A. J. Z., & Trinke, S. J. (2003). The Intergenerational Transmission of Relationship Violence. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 288-301.
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Hebert, M. (2000). Teen dating relationship aggression. An exploratory study. *Violence Against Women*, 6, 6-36.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21, 105-127.
- Lourenço, N., Lisboa, M., & Pais, E. (1997). *Violência contra as mulheres*. Lisboa: CIDM.
- Lucas, S. (2002). *A agressividade no namoro de adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Lusófona, Lisboa.
- Machado, C. (2005). Violência nas famílias portuguesas. Um estudo representativo da região Norte. *Psychologica*, 40, 173-194.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: Bridging the gap between clinical and epidemiological

- approaches. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65, 68-78.
- Mano, P. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: Estudo exploratório junto de mulheres vítimas*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Maroco, J. (2004). *Análise estatística com a utilização do SPSS* (2ª Ed). Lisboa: Edições Sílabo.
- Matos, M. (2003). Violência conjugal. In: Machado & Gonçalves (coords). *Violência e vítimas de crimes* (Vol. 1) (2ª Ed) (pp.81-130). Coimbra: Quarteto.
- O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13, 39-57.
- Paiva, L. S. M. (2010). *Violência conjugal: representações sociais e atribuições numa amostra de estudantes de Psicologia do Mestrado Integrado*. Dissertação não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Porto, M. (2006). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, 8 (16), 250-273.
- Riggs, D. S., O'Leary, K. D. (1996). Aggression between heterosexual dating partners: an examination of a casual model of courtship aggression. *Journal of interpersonal violence*, 519-540.
- Sani, A. I. (2006). Vitimação indireta de crianças em contexto familiar. *Análise Social*, XLI (180), 849-864.
- Sani, A. I. (2011). *Crianças vítimas de violência: representações e impacto do fenómeno*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Silva, M. J., & Matos, M. (2001). *Percepções da violência entre estudantes do ensino secundário*. Texto policopiado. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17(3), 283-316.
- Straus, M. A., Kaufman-Kantor, G., & Moore, D. (1997). Change in cultural norms approving marital violence: From 1968 to 1994. In G. Kaufman-Kantor, & J. Jasinski (Coords.). *Out of the darkness: Contemporary perspectives on family violence* (pp. 3-16). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Straus, M. A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.

- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by males and female university students worldwide. *Violence Against Women, 10*, 790-811.
- Straus, M. A. (2006). *Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations*. Family Research Laboratory, University of New Hampshire.
- Sugarman, D.B., & Hotaling, G.T. (1989). Dating violence: Prevalence, context and risk markers. In M.A. Pirog-Good & J.E. Stets (Eds.), *Violence in dating relationships: Emerging social issues* (pp 3-32). New York: Pareger.
- Swinford, S.P., DeMaris, A., Cernkovich, S.A., & Giordano, P.C. (2000). Harsh physical discipline in childhood and violence in later romantic involvements: The mediating role of problem behaviors. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 508-519.
- Widom, C. S., & Maxfield, M. G. (2001). *An update on the "cycle of violence"*. National Institute of Justice, Washington.
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., & Scott, K. (1996). *Alternatives to violence: Empowering youth to develop healthy relationships*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Worcester, N. (2002). Women's use of force. *Violence Against Women, 8*, 1390-1415.

Anexos

Anexo A. Tabelas relativas à descrição da amostra e aos instrumentos.

Tabela 1.

Distribuição dos sujeitos da amostra total por sexo.

		Frequência	%
Sexo	Feminino	239	76.8
	Masculino	72	23.2
	Total	311	100.0

Tabela 2.

Distribuição dos sujeitos da amostra total por idade.

	<i>N</i>	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Idade	310	18	47	21.66	3.150

Tabela 3.

Distribuição dos sujeitos da amostra total por nacionalidade.

		<i>n</i>	%
Nacionalidade	Portuguesa	303	97.7
	Brasileira	3	1.0
	Francesa	1	0.3
	Suíça	1	0.3
	Holandesa	2	0.6
	Total	310	100.0

Tabela 4.

Distribuição dos sujeitos da amostra total por curso.

		<i>n</i>	%
Curso	Psicologia	124	40
	Ciências Sociais/Humanas	50	16.1
	Engenharias	99	31.9
	Outros	37	11.9
	Total	310	100.0

Tabela 5.***Alpha de Cronbach obtido na História 1 do QVC-HIS.***

<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
.816	10

Tabela 6.***Média dos valores obtidos nas respostas aos itens da História 1 do QVC-HIS.***

Média	Variância	Desvio padrão	Número de itens
13.36	13.548	3.681	10

Tabela 7.***Alpha de Cronbach obtido na História 2 do QVC-HIS.***

<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
.900	10

Tabela 8.***Média dos valores obtidos nas respostas aos itens da História 2 do QVC-HIS.***

Média	Variância	Desvio padrão	Número de itens
15.51	22.433	4.736	10

Tabela 9.***Alpha de Cronbach obtido na História 3 do QVC-HIS.***

<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
.886	10

Tabela 10.***Média dos valores obtidos nas respostas aos itens da História 3 do QVC-HIS.***

Média	Variância	Desvio padrão	Número de itens
14.06	16.592	4.073	10

Tabela 11.

Alpha de Cronbach obtido na dimensão causas do QVC-CMR.

<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
.835	14

Tabela 12.

Média dos valores obtidos nas respostas aos itens da dimensão causas do QVC-CMR.

Média	Variância	Desvio padrão	Número de itens
33.39	44.591	6.678	14

Tabela 13.

Alpha de Cronbach obtido na dimensão manutenção do QVC-CMR.

<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
.814	14

Tabela 14.

Média dos valores obtidos nas respostas aos itens da dimensão manutenção do QVC-CMR.

Média	Variância	Desvio padrão	Número de itens
39.26	39.305	6.269	14

Tabela 15.

Alpha de Cronbach obtido na dimensão resolução do QVC-CMR.

<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
.807	14

Tabela 16.

Média dos valores obtidos nas respostas aos itens da dimensão resolução do QVC-CMR.

Média	Variância	Desvio padrão	Número de itens
42.74	34.022	5.833	14

Tabela 17.

Ítem-Total Statistics.

		Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Correted Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
Itens	16	0.18	0.412	0.240	.714
	20	0.30	0.538	0.653	.597
	48	0.30	0.538	0.653	.597
	52	0.21	0.392	0.417	.604
	58	0.29	0.536	0.521	.603
	64	0.25	0.454	0.401	.599
	76	0.29	0.529	0.572	.595

Anexo B. Declaração de Consentimento Informado e Questionário Sociodemográfico

Este estudo insere-se num projecto de investigação sobre vivências familiares em estudantes universitários de Angola, Brasil, Estados Unidos e Portugal. No essencial, envolve o preenchimento de questionários sociodemográficos e de auto-avaliação sobre três grandes assuntos: vivências no seio da família de origem, vivências em relações íntimas e atitudes em relação aos comportamentos agressivos.

Todas as dúvidas e/ou questões que possa ter em relação à sua participação neste projecto podem e devem ser colocadas directamente ao investigador que se encontra na sala consigo. A sua participação é, no entanto, absolutamente **voluntária**, podendo inclusivamente, se assim o entender, desistir a qualquer momento.

Caso concorde em participar é importante que responda de uma forma sincera e espontânea, **não deixando nenhuma questão por responder**.

Os resultados assim obtidos são estritamente **confidenciais**, sendo apenas utilizados para os fins desta investigação.

Muito obrigado pela sua colaboração

CONSENTIMENTO

Eu, _____,
declaro ter sido informado da natureza e dos procedimentos da presente
investigação, bem como das garantias de anonimato e confidencialidade.
Assim, aceito responder ao protocolo que me foi apresentado.

Coimbra, ___ de _____ de 20__

(Assinatura)

Dados Sócio-demográficos

1. Código (iniciais do nome, exemplo João Silva: JS): _____

2. Idade: _____ anos 3. Sexo: M F

4. Nacionalidade: _____ 5. Cidade de Residência: _____

6. Estabelecimento do Ensino Superior que frequenta: _____ 7. Curso que frequenta: _____

8. Ano escolar que frequenta: _____ 9. Língua Materna: _____

10. Raça: Caucasiana Africana Asiática Índia Outra (qual?): _____

11. Estado Civil: Solteiro Casado Divorciado Viúvo União de Facto

12. Situação laboral: Estudante Trabalhador/Estudante

13. Os seus pais estão casados ou em união de facto? Sim Não

14. Se estão divorciados/separados indique em que ano isso aconteceu: _____

15. Se o seu pai e/ou Mãe é/são viúvo(s) indique em que ano morreu(eram): _____

16. Anos de escolaridade do Pai: _____ anos 16. Profissão do Pai: _____

17. Anos de escolaridade da Mãe: _____ anos 18. Profissão da Mãe: _____

18. Qual o rendimento bruto anual aproximado da sua família (rendimento conjunto do agregado familiar): _____
(sublinhar a moeda em causa: Euros; Reais; kwanza; Metical)

19. Com quem viveu durante a infância e adolescência? _____

Nota: Se não viveu com os seus pais durante a infância e adolescência entenda, nas perguntas que se seguem, o "Pai" como o cuidador do sexo masculino e a "Mãe" como a cuidadora do sexo feminino. Se sempre viveu apenas com uma figura cuidadora, deixe em branco as perguntas que se referem à interação entre os pais/cuidadores. Se os seus pais/cuidadores se divorciaram durante a sua infância ou adolescência, baseie-se, para responder às questões colocadas a seguir, no tempo em que viveram juntos.

20. Durante a infância e adolescência alguma vez testemunhou entre os seus pais/cuidadores	Sim, Com grande frequência	Sim, mas raramente	Nã o
a) Abusos físicos com agressões			
b) Violência Verbal			
c) Recusa em pagar despesas			
d) Agressão sexual			
e) Maus tratos de outro tipo			

Relativamente a consumos de substâncias e álcool:	Sim, com grande frequência	Sim,mas raramente	Nã o
21. O seu pai/cuidador consumia álcool?			
22. O seu pai/cuidador consumia um qualquer tipo de drogas? Identifique que drogas _____			
23. A sua mãe/cuidadora consumia álcool?			
24. A sua mãe/cuidadora consumia um qualquer tipo de drogas? Identifique que drogas _____			

25. Durante a sua infância ou adolescência foi vítima de alguma das seguintes situações	Sim, Com grande frequência	Sim, mas raramente	Nã o
a) Violência verbal com insultos e humilhações por parte do pai e/ou mãe ou cuidadores			
b) Violência verbal com insultos e humilhações por parte de professores ou outros educadores			

c) Castigos físicos por mau comportamento na escola			
---	--	--	--

26. Durante a sua infância ou adolescência foi vítima de castigos físicos por mau comportamento em casa	Sim, Com grande frequência	Sim, mas raramente	Não
---	-------------------------------	-----------------------	-----

Se respondeu AFIRMATIVAMENTE, quem o castigou:

Pai/Cuidador	Mãe/Cuidadora	Ambos	Outros Familiares
--------------	---------------	-------	-------------------

27. Durante a sua infância ou adolescência foi forçado(a) à realização de actos sexuais contra a sua vontade?	Sim, Com grande frequência	Sim, Ocasionalmente	Não
---	-------------------------------	------------------------	-----

Se respondeu AFIRMATIVAMENTE, por quem eram realizados esses atos?

Familiares	Educadores	Outros
------------	------------	--------

28. A violência física e/ou verbal nas relações de casal, é mais compreensível se:					
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
a) o agressor estiver alcoolizado?					
b) o agressor estiver sob o efeito de cannabis/haxixe?					
c) o agressor estiver sob o efeito de anfetaminas?					
d) o agressor estiver sob o efeito da cocaína?					
e) o agressor estiver sob o efeito do crack?					
f) o agressor estiver sob o efeito de outra droga?					

Consumo de Drogas

No quadro seguinte assinale com um X na coluna "consumo" se já

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

consumiu ou consome as substâncias identificadas na primeira coluna (substâncias). Na terceira coluna assinale a frequência actual desse consumo considerando o número de vezes (aproximado) que o faz por mês. Na quarta coluna assinale quando é que começou a consumir a referida droga. **Na quinta coluna quando terminou esse consumo (se o mantém esse consumo deve deixar a respectiva coluna em branco).**

Nota: Comprimidos não contam como drogas se tiverem sido prescritos pelo médico e forem tomados na dosagem prescrita.

Substâncias	Já consumiu ou consome (assinale com um X)	Número de vezes que consome por mês (em média)	Data do Primeiro consumo	Data do último consumo (apenas se parou de consumir)
Álcool				
Haxixe				
Maconha/Marijuana				
Ácidos (LCD e outros)				
Heroína				
Cocaína				
Crack				
Metadona				
Anfetaminas				
Sedativos				
Tranquilizantes				
Analgésicos				
Cogumelos Alucinogénios				
Inalantes sintéticos (colas)				
Ecstasy				
Tabaco				
Outras:				

Já realizou algum tratamento (incluindo desintoxicações médicas) em relação a problemas relacionados com o abuso de álcool e/ou drogas?

Sim Não

Se respondeu sim, indique quantos tratamentos realizou e a quê, quando o(os) realizou e se após o(os) tratamentos continuou a consumir álcool/Drogas: _____

Anexo C. Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS)

(Alarcão, M & Alberto, I., Correia, A., Camelo, A., 2007)

Este questionário integra três histórias de três casais diferentes. Em cada uma dessas histórias vai encontrar dez afirmações; pedimos-lhe que, para cada uma delas, nos indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 “discordo completamente”, 2 “discordo”, 3 “concordo”, 4 “concordo completamente”. Este é um questionário de opinião, em que as suas respostas serão tratadas de forma anónima e confidencial.

Item de Exemplo:

a) No Verão a grande maioria das famílias portuguesas vai de férias para o Algarve

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--------------------------------	---------------	---------------	--------------------------------

História 1

Arménio é um engenheiro chefe de 40 anos, casado com Manuela, enfermeira de 38 anos; tem dois filhos, o Marcos, com 15 anos, e a Sara, que tem 13 anos. A Manuela confidenciou a uma colega de trabalho que as coisas não andam bem na sua vida de casada. O Arménio é uma pessoa completamente diferente dentro e fora de casa. No trabalho, com os amigos e vizinhos, é muito simpático, sempre disponível; mas com ela é bastante rude: chama-lhe “ignorante” (achando que tudo o que ela diz está errado e que “dela só sai asneira”) ou deixa-a a falar sozinha e vai-se embora, dizendo-lhe que tem vergonha dela porque nem gosto tem para se vestir. Por vezes, quando a Manuela se atrasa no serviço, o Arménio chega a dar-lhe umas bofetadas porque o jantar não está feito a horas e ele, assim, não consegue chegar pontualmente às reuniões de trabalho.

A Manuela diz que os filhos não se apercebem de nada porque estes desentendimentos nunca acontecem à frente deles e ela faz por se mostrar alegre quando eles estão por perto.

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--------------------------------	---------------	---------------	--------------------------------

					4
1. Com os estudos que tem, o Arménio é incapaz de maltratar realmente a sua mulher					
2. A Manuela queixa-se que o marido a chama de ignorante e goza com a forma como se veste mas ele só pretende que ela se comporte como boa esposa e mãe de família					
3. Se o Arménio trata mal a Manuela, é porque ela lhe dá razões para que isso aconteça					
4. Se o Arménio é uma pessoa simpática e disponível para com os outros fora de casa, será incapaz de ser violento na sua própria casa					
5. A Manuela deve guardar para si as dificuldades que tem com o marido para bem da família e, particularmente, dos filhos					
6. Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela					
7. O Arménio tem alguma razão em ficar zangado e em agredir a Manuela porque ela o impede de chegar a horas às reuniões					
8. A Manuela e o Arménio são adultos responsáveis e devem resolver os problemas da violência “entre portas”, sem trazer a público estas questões privadas					
9. Uma bofetada dada num momento de zanga/tensão, não é propriamente violência conjugal					
10. É compreensível que o Arménio se passe, porque gerir o trabalho, os filhos e uma mulher que se atrasa é difícil					

História 2

A Luísa é uma mulher de 60 anos mas ainda tem muitos afazeres: trabalha na agricultura, faz umas horas por semana na limpeza de casas e, à noite, ainda tem uns trabalhos de costura. Tudo isto a cansa muito e a torna muito irritável. O António tem a mesma idade e é carpinteiro: quando chega a casa o que mais quer é poder descansar de um trabalho de que gosta mas que já começa a ser pesado. Ele já conhece a mulher que tem e tenta passar despercebido; senão “sobra” para ele. A Luísa, quando fala para ele é sempre

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

Telma Lameira (e-mail:telmalameira@hotmail.com) 2013

a ralar, dizendo que “quem usa calças lá em casa é ela”, que ele “é um inútil”, e, por vezes, o António tem de se baixar para não “apanhar com objectos voadores” que a mulher atira quando está mais exasperada. O António diz isto a sorrir, como que a desvalorizar a situação, mas sempre vai adiantando que, por vezes, não é rápido que chegue pelo já teve de ir receber tratamento médico. Desculpa a mulher, dizendo que a vida dela nunca foi fácil pois desde pequena foi sempre uma sacrificada. Acha que, apesar de tudo, ela é uma boa mulher, pois é trabalhadora e a casa está “sempre um brinco”. Claro que gostaria de ter mimo em vez de “ralhetes e pancadaria”, mas conclui “que não se pode ter tudo” e “nesta idade, já não há que esperar muito da vida”. Por outro lado, o António refere que a Luísa só se torna “uma fera” quando está cansada com tanto trabalho: a “culpa é deste trabalho todo que é preciso fazer para se ter alguma coisita”.

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--------------------------------	---------------	---------------	--------------------------------

1. É um exagero considerar estas pequenas “batalhas” entre a Luísa e o António como um problema de violência conjugal				
2. O António faz bem em desvalorizar a violência da Luísa para não perturbar a paz familiar				
3. É pouco provável que a Luísa, idosa e cansada, consiga maltratar realmente o António. São rbugices próprias da idade				
4. O comportamento da Luísa é compreensível pois, como diz o próprio marido, ela teve sempre uma vida muito difícil				
5. Como pessoa do campo e com pouca escolaridade, é bem provável que a Luísa resolva as coisas pela força e não pela conversa				
6. A Luísa tem razão em zangar-se com o marido, pois trabalha bastante e ele não a ajuda nada; antes pelo contrário, dá-lhe mais trabalho				
7. O António faz bem em aguentar esta situação e em desculpar a mulher pois nesta idade é melhor fazer tudo para se manterem juntos, como casal				
8. Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem				
9. Estas zangas da Luísa com o António são usuais				

nesta idade; até podem provocar alguns acidentes, mas não pode dizer-se que seja uma violência séria				
10. O António é capaz de merecer alguns ralhos da mulher porque parece levar uma vida descansadinha e despreocupada				

História 3

A Deolinda tem 30 anos, é doméstica e está casada há apenas 3 anos, com o Esteves, mas não tem sido fácil manter este casamento. O Esteves tem sensivelmente a mesma idade, trabalha na construção civil e gosta de beber uns copos com os amigos, depois do trabalho, e quando chega a casa, com um bocadinho a mais de vinho, fica difícil para a Deolinda. Começa por implicar com o jantar: “se é peixe, apetecia-lhe carne, se é carne, queria peixe”! Culpa a Deolinda de fazer de propósito para o irritar, fazendo sempre o contrário do que ele pede. Quando fica mesmo descontrolado chega a bater na mulher, que se encontra grávida de 4 meses. Ela tem umas nódoas negras, “mas nunca foi preciso ir ao médico por causa das agressões”. A Deolinda continua a achar que o Esteves é uma boa pessoa, preocupado com ela e o outro filho (que tem 2 anos). É o vinho que o torna violento; “quando lhe passa a bebedeira, vem pedir desculpa, a chorar, e eu sei que é do fundo do coração”

Discordo Completamente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo Completamente 4
--------------------------------	---------------	---------------	--------------------------------

1. A Deolinda deve tentar manter este casamento, até porque tem um filho pequeno e vai ter outro, que precisam do pai				
2. O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho				
3. A Deolinda devia esforçar-se por saber o que o Esteves quer para o jantar, para evitar que o marido se chateie				
4. Se a Deolinda nunca precisou de receber cuidados médicos, é porque o marido não é assim tão violento como ela diz				
5. Não admira que o Esteves bata na mulher porque é um operário com pouca instrução e sensibilidade para a questão da violência				
6. O Esteves anda muito preocupado, agora que vem				

Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos

aí outro filho, e isso faz com que fique mais irritado e se descontrole de vez em quando				
7. É pouco provável que o Esteves bata na Deolinda enquanto ela está grávida do seu próprio filho				
8. A Deolinda não devia andar a “publicitar” estas discussões que tem com o marido pois isso só diz respeito ao casal				
9. Se a Deolinda faz sempre o contrário do que o Esteves pede, é porque gosta de o provocar e de se sujeitar a ser agredida				
10. A Deolinda deve estar a exagerar um bocadinho nas suas histórias sobre as desavenças que tem com o Esteves e a fazer-se de vítima				

**Anexo D. Questionário de Violência Conjugal – CMR (QVC –
CMR)**

(Alarcão, M., Alberto, I., Camelo, A., Correia, A., 2007)

A violência conjugal é um problema social sobre o qual cada um de nós, enquanto membros de uma comunidade, vai reflectindo e formulando algumas opiniões. Vai encontrar, seguidamente, um conjunto de afirmações relativas aos factores que podem explicar o aparecimento da violência e a sua manutenção, bem como de factores que podem contribuir para o seu desaparecimento. Pedimos-lhe que, para cada uma delas, nos indique o seu grau de concordância, usando a seguinte escala: 1 “discordo totalmente”, 2 “discordo”, 3 “concordo”, 4 “concordo totalmente”.

Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4

1. A violência conjugal é devida a:

1. Consumos de álcool ou drogas por parte do agressor				
2. Doença mental do agressor				
3. Baixo grau de instrução do agressor				
4. Baixa auto-estima do agressor				
5. Doença mental da vítima				
6. Comportamento provocador da vítima				
7. Fragilidade emocional da vítima				
8. Interferência de outros familiares				
9. Problemas/dificuldades criadas pelos filhos				
10. Relações extra-conjugais do agressor/da vítima				
11. Antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima				
12. Aceitação social da violência				
13. Isolamento social do casal/família				
14. Dificuldades económicas do casal/família				

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Concordo 3	Concordo totalmente 4
--------------------------	---------------	---------------	--------------------------

2. O que mais contribui para a manutenção da violência conjugal

é:

1. Ausência de denúncia por parte da vítima ou de terceiros				
2. Falta de confiança na eficácia da justiça				
3. Valorização da união familiar				
4. Existência de filhos				
5. Isolamento social da vítima e/ou da família				
6. Falta de conhecimentos da vítima sobre como pedir ajuda				
7. Ambivalência da vítima face ao agressor				
8. Medo de retaliações por parte da vítima				
9. Desconhecimento da vítima relativamente aos seus direitos				
10. Ameaça de suicídio por parte do agressor				
11. Promessas de mudança por parte do agressor				
12. Ternura do agressor fora dos momentos de violência				
13. Aceitação social da violência				
14. Interferência de outros familiares				

3. O mais importante para pôr fim à violência é:

1. Afastar o agressor					4
2. Condenar mais agressores					
3. Estimular a denúncia das situações de violência					
4. Estimular a separação/ divórcio do casal					
5. Proteger a vítima e os filhos, se os houver					
6. Mudar o comportamento da vítima					
7. Tratar o agressor					
8. Tratar o casal					
9. Informar mais a população geral sobre as consequências					

da violência conjugal				
10. Melhorar as condições socio-económicas das famílias				
11. Aumentar os direitos da mulher				
12. Aumentar os tempos de lazer das famílias				
13. Intervenção de outros familiares, amigos, vizinhos				
14. Educação para a prevenção da violência logo na escolaridade obrigatória				

Anexo E. Escala de Táticas de Conflito Revista (CTS-2)

The Revised Conflict Tactic Scales

MURRAY A. STRAUS

Independentemente de duas pessoas se darem bem, há alturas em que discutem, ficam aborrecidas uma com a outra, pretendem coisas diferentes uma da outra, ou têm brigas apenas porque estão de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão. As pessoas tentam, também, resolver de formas diversas as suas diferenças.

A seguir, encontrará uma lista de situações que podem acontecer quando duas pessoas discordam de qualquer coisa. Considere o seguinte:

- Assinale quantas vezes aconteceu, de há um ano para cá, na sua **relação atual**, cada uma das situações identificadas (na escala de **1 a 6**);

- Se além de ter vivido as referidas situações na sua relação atual, também as viveu noutra relação (ou noutras relações) **deve assinalar um valor de 1 a 6** para classificar a quantidade de vezes que isso aconteceu na sua relação atual, e **deve assinalar a letra A** para classificar essas vivências na(s) relação(ões) passada(s);

- Se só viveu essas situações noutra relação (ou noutras relações) deve assinalar **apenas a letra A**;

- Se as situações identificadas nos itens **nunca aconteceram**, ou **nunca teve uma relação** a que se possa reportar, deve assinalar o **valor "0"**.

Indique relativamente à sua relação atual, a sua data de início: _____

Quantas vezes isto aconteceu?

- | | |
|--------------------------------------|--|
| 1 = Uma vez, de há um ano para cá | 5 = 11-20 vezes, de há um ano para cá |
| 2 = 2 vezes, de há um ano para cá | 6 = Mais de 20 vezes, de há um ano para cá |
| 3 = 3-5 vezes, de há um ano para cá | A = Isso aconteceu-me noutra(s) relação(ões) |
| 4 = 6-10 vezes, de há um ano para cá | 0 = Isso nunca aconteceu |

1. Mostrei ao meu companheiro(a) que me preocupava com ele, mesmo que discordássemos.									
2. O meu companheiro(a) mostrou que se preocupava comigo, mesmo que discordássemos									
3. Numa discussão, expliquei ao meu companheiro(a) o meu ponto de vista									
4. O meu companheiro(a) explicou-me o seu ponto de vista numa discussão									
5. Insultei ou disse palavrões ao meu companheiro(a)									
6. O meu companheiro(a) fez isso comigo									

7. Atirei ao meu companheiro(a) alguma coisa que o poderia magoar									
8. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
9. Torci o braço ou puxei o cabelo ao meu companheiro(a)									
10. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
11. Tive um entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro(a)									
12. O meu companheiro(a) teve um entorse, pisadura, ferida ou pequeno corte por causa de uma luta comigo									
13. Mostrei respeito pelos sentimentos do meu companheiro(a) acerca de um assunto									
14. O meu companheiro(a) mostrou respeito pelos meus sentimentos acerca de um assunto									
15. Fiz o meu companheiro(a) ter relações sexuais sem preservativo									
16. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
17. Empurrei ou apertei o meu companheiro(a)									
18. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
19. Usei a força (e.g., batendo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse sexo oral ou anal comigo									
20. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
21. Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro(a)									
22. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
23. Desmaiei porque o meu companheiro(a) me atingiu na cabeça durante uma luta									
24. O meu companheiro(a) desmaiou porque eu o atingi na cabeça durante uma luta									
25. Chamei de gordo ou feio ao meu companheiro(a)									
26. O meu companheiro(a) chamou-me de gorda ou feia									

27. Esmurrei ou bati no meu companheiro(a) com algo que o poderia magoar									
28. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
29. Destruí algo que pertencia ao meu companheiro(a)									
30. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
31. Fui ao médico por causa de uma luta com o meu companheiro(a)									
32. O meu companheiro(a) foi ao médico por causa de uma luta comigo									
33. Tentei sufocar o meu companheiro(a)									
34. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
35. Gritei ou berrei ao meu companheiro(a)									
36. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
37. Atirei o meu companheiro(a) contra a parede									
38. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
39. Disse que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema									
40. O meu companheiro(a) disse-me que tinha a certeza que poderíamos resolver um problema									
41. Precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta com o meu companheiro(a), mas não o fiz									
42. O meu companheiro(a) precisava de ter ido ao médico, por causa de uma luta comigo, mas não o fez									
43. Dei uma tarefa no meu companheiro(a)									
44. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
45. Agarrei à força o meu companheiro(a)									
46. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
47. Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse relações sexuais comigo									

48. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
49. Saí abruptamente da sala, da casa ou de qualquer outro local durante um desentendimento									
50. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
51. Insisti em ter relações sexuais quando o meu companheiro(a) não queria (mas não usei força física)									
52. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
53. Dei uma bofetada ao meu companheiro(a)									
54. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
55. Tive uma fractura devido a uma luta com o meu companheiro(a)									
56. O meu companheiro(a) teve uma fractura devido a uma luta comigo									
57. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse sexo oral ou anal comigo									
58. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
59. Sugeri um acordo para resolver um desentendimento									
60. O meu companheiro(a) sugeriu um acordo para resolver um desentendimento									
61. Queimei ou escaldei o meu companheiro(a) de propósito									
62. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
63. Insisti com o meu companheiro(a) para que tivéssemos sexo oral ou anal (mas não usei força física)									
64. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
65. Acusei o meu companheiro(a) de ser um amante nojento									
66. O meu companheiro(a) acusou-me disso									
67. Fiz algo para irritar o meu companheiro(a)									
68. O meu companheiro(a) fez isso comigo									

69. Ameacei ferir ou atirar alguma coisa ao meu companheiro(a)									
70. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
71. Senti uma dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta com o meu companheiro(a)									
72. O meu companheiro(a) sentiu dor física, que se manteve no dia seguinte, por causa de uma luta que tivemos									
73. Dei pontapés no meu companheiro(a)									
74. O meu companheiro(a) deu-me pontapés									
75. Recorri a ameaças para fazer com que o meu companheiro(a) tivesse relações sexuais comigo									
76. O meu companheiro(a) fez isso comigo									
77. Concordei em tentar uma solução sugerida pelo meu companheiro(a) para um desentendimento									
78. O meu companheiro(a) concordou em tentar uma solução que eu sugeri									

Anexo F. Anexos relativos aos resultados.

Tabela 1.

Exposição a violência física entre os pais/cuidadores durante a infância e adolescência.

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	280	90.9
	Sim, mas raramente	25	8.1
	Sim, com grande frequência	3	1.0
	Total	308	100.0

Tabela 2.

Exposição a violência verbal entre os pais/cuidadores durante a infância e adolescência.

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	202	65.6
	Sim, mas raramente	78	25.3
	Sim, com grande frequência	28	9.1
	Total	308	100.0
Missing	System	3	
Total		311	

Tabela 3.

Exposição a violência sexual entre os pais/cuidadores durante a infância e adolescência.

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	308	99.7
	Sim, mas raramente	1	0.3
Total		309	100.0

Tabela 4.***Castigos físicos por mau comportamento em casa.***

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	203	65.5
	Sim, pelo pai/cuidador	13	4.2
	Sim, pela mãe/cuidadora	31	10
	Sim, por ambos		
	Sim, por outros familiares	58	18.7
		5	1.6
	Total	310	

Tabela 5.***Castigos físicos por mau comportamento na escola.***

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	271	87.7
	Sim, mas raramente	35	11.3
	Sim, com grande frequência	3	1.0
	Total	309	100.0

Tabela 6.***Violência verbal com insultos e humilhações por parte do pai e/ou mãe ou cuidadores.***

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	260	84.1
	Sim, mas raramente	39	12.6
	Sim, com grande frequência	10	3.2
	Total	309	100.0

Tabela 7.**Violência verbal com insultos e humilhações por parte de professores ou outros educadores.**

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	287	92.9
	Sim, mas raramente	20	6.5
	Sim, com grande frequência	2	0.6
	Total	309	100.0

Tabela 8.**Actos sexuais contra a própria vontade durante a infância e adolescência.**

		<i>n</i>	%
Respostas	Não	307	98.7
	Ocasionalmente	3	1.0
	Com grande frequência	1	0.3
	Total	311	100.0

Tabela 9.**Respostas à afirmação: “A violência física e/ou verbal nas relações de casal é mais compreensível se o agressor estiver alcoolizado”.**

		<i>n</i>	%
Respostas	Nunca	251	81.5
	Poucas vezes	20	6.5
	Algumas vezes	21	6.8
	Muitas vezes	14	4.5
	Sempre	2	0.6
	Total	308	100.0
Total		311	

Tabela 10.

Respostas à afirmação: “A violência física e/ou verbal nas relações de casal é mais compreensível se o agressor estiver sob o efeito de cannabis/haxixe.

		<i>n</i>	%
Respostas	Nunca	254	82.5
	Poucas vezes	20	6.5
	Algumas vezes	18	5.8
	Muitas vezes	13	4.2
	Sempre	3	1.0
	Total	308	100.0

Tabela 11.

Comparações múltiplas à posteriori: vitimização de castigos físicos em casa e perpetração de abuso físico ligeiro sem sequelas.

Variável dependente	I(castigos)	J(castigos)	Média de I-J	Desvio padrão	<i>p</i>	Intervalo de confiança: 95%	
						Mínimo	Máximo
Perpetração Abuso físico Ligeiro sem sequelas	Não	Sim, pelo pai/cuidador	-.959	.267	.004	-1.71	-.20
		Sim, pela mãe/cuidadora	-1.77	.169	1.000	-.66	.30
		Sim, por ambos	-.296	.135	.239	-.68	.09
		Sim, por outros familiares	-.977	.389	.127	-2.08	.12

Tabela 12.

Comparações múltiplas à posteriori: vitimização de violência verbal por parte dos pais/cuidadores e perpetração de abuso físico ligeiro sem sequelas.

Variável dependente	I(violência verbal)	J(violência verbal)	Média de I-J	Desvio padrão	<i>p</i>	Intervalo de confiança: 95%	
						Mínimo	Máximo
Perpetração Abuso físico Ligeiro sem sequelas	Não	Sim, mas raramente	-.424	.154	.019	-.80	-.05
		Sim, com grande frequência	-.293	.334	1.000	-1.10	.51

Tabela 13.

Comparações múltiplas à posteriori: vitimização de castigos verbal por parte dos pais/cuidadores e a vitimização de violência.

Variável dependente	I(violência verbal)	J(violência verbal)	Média I-J	Desvio padrão	p	Intervalo de confiança: 95%	
						Mínimo	Máximo
Vitimização Agressão Psic. Total	Não	Sim, mas raramente	-.746	.330	.074	-1.54	.05
		Sim, com grande frequência	-1.816	.661	.019	-3.41	-.22
Vitimização Abuso físico ligeiro sem sequelas	Não	Sim, mas raramente	-.473	.164	.012	-.80	-.08
		Sim, com grande frequência	-.440	.315	.488	-1.20	.32

Tabela 14. Comparações múltiplas à posteriori: diferenças entre cursos no que diz respeito ao QVC-HIS.

Variável dependente	I(curso)	J(curso)	Média I-J	Desvio padrão	p	Intervalo de confiança: 95%	
						Mínimo	Máximo
Hist. 1	Psicologia	Ciências Sociais/humanas	-.101	.614	1.000	-1.73	-1.53
		Engenharias	-1.77	.495	.009	-2.91	-.28
		Outros	-.296	.681	.067	-3.55	.07
Hist. 2	Psicologia	Ciências Sociais/humanas	-.850	.795	1.000	-2.96	1.26
		Engenharias	-1.178	.636	.390	-2.87	.51
		Outros	-2.360	.882	.047	-4.70	-.02
Hist. 3	Psicologia	Ciências Sociais/humanas	-.584	.672	1.000	-2.37	1.20
		Engenharias	-1.788	.539	.006	-3.22	-.36
		Outros	-2.640	.746	.003	-4.62	-.66